

ENDGAME

LINHAGEM ZERO

VOLUME 2

AVANÇO



JAMES FREY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ENDGAME

LINHAGEM ZERO

— VOLUME 2 —

AVANÇO

JAMES FREY

Tradução de Cássia Zanon



Copyright © 2016, Third Floor Fun, LLC.
Todos os direitos reservados à Full Fathom Five, LLC.

TÍTULO ORIGINAL

Endgame: The Zero Line Chronicles – Volume 2: Feed

PREPARAÇÃO

Mariana Moura

REVISÃO

Juliana Pitanga

REVISÃO DE EPUB

Bruna Cezário

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

GERAÇÃO DE EPUB

Intrinseca

E-ISBN

978-85-510-0028-1

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os títulos anteriores da série](#)

[Leia também](#)

Capítulo Um

Ajoelhei nas rochas, pedras afiadas espetavam meus joelhos e canelas, e instalei a bomba. Era pequena, mais ou menos do tamanho de dois tijolos, e estava dentro de uma caixa de papelão. Era bem simples: um pedaço de C4 — um explosivo plástico com a consistência de argila macia —, algumas peças de um rádio relógio, e quatro pilhas grandes. Tirei os dois fios do rádio relógio e os virei para os cabos dos detonadores — cilindros curtos de metal. Enfiei os detonadores no C4.

Em tese, o C4 é extremamente estável — é possível deixá-lo cair, atirá-lo ou rasgá-lo ao meio, e mesmo assim ele não irá explodir. Para detoná-lo, é preciso uma corrente elétrica. E eu havia acabado de fornecê-la. A bomba estava prestes a explodir, e o suor descia pela minha testa, escorrendo pelos meus olhos e nariz.

Não era a primeira vez que eu fazia aquilo: já havia preparado uma dúzia de bombas de teste, com massinha de modelar substituindo o C4. Mas era a primeira vez que fazia pra valer: pilhas de verdade, detonadores de verdade, explosivo de verdade.

Meus dedos tremiam ao realizar cada etapa.

Olhei para Kat. Ela era cinco anos mais velha do que eu: tinha 24. Era alta e bonita, com cabelos castanhos que brilhavam como cobre ao sol do entardecer. Eugene estava com ela. Os dois desenrolavam uma lona que havia sido pintada com uma camada grossa e pesada de termita. Formava uma série de retângulos espiralados — o logotipo das Olimpíadas de Munique. Embaixo, a data “9-5-1972”.

Era nosso “convite” para os Jogadores. John e Walter não sabiam ao certo como funcionava um Chamado de verdade. Walter dissera que os cahokianos acreditavam que haveria um sinal dos céus — provavelmente algo violento. A única certeza era de que seria inconfundível e que os Jogadores saberiam onde se reunir. Então usáramos bombas para chamar a atenção deles e a termita para queimar o logotipo das Olimpíadas no chão.

Depois de estenderem a lona, Eugene desenrolou o estopim e pegou um isqueiro.

Acionei o *timer* no relógio, e começou a contagem regressiva.

Levantei e fui até eles. Eugene encostou o isqueiro apagado no estopim, e

todos seguimos para as árvores. Enquanto caminhávamos, Bakr, o homem que havia construído os dispositivos, passou por mim e foi conferir a bomba.

Eugene me estendeu a mão e eu o cumprimentei, ainda que hesitante.

— Belo trabalho, cara — elogiou ele.

— Vamos ver o que o Bakr diz — respondeu Kat, parando nas árvores e se virando.

Olhei para ele, a 30 jardas de nós em uma área baixa natural da floresta. Tínhamos contornado a parte do meio, que estava enlameada, mas ele estava de botas e foi direto, exatamente como fizera com os outros grupos que realizaram o exercício. Éramos o oitavo grupo a treinar com o equipamento real. Faltavam quatro. Todos os membros da Linhagem Zero tiveram uma chance, porque praticar com massinha de modelar era uma coisa, mas enfiar detonadores em um C4 verdadeiro era bem diferente. Eu não esperara ficar tão intimidado pela bomba.

Bakr se virou e sinalizou com um polegar para cima. Eu havia feito tudo certo.

— Bom trabalho, Mike — disse Kat, apertando meu braço.

— Treinamos bastante — comentei. — Devo conseguir com uma mão nas costas.

Walter falou sem me olhar.

— Não fique convencido. Se esquecer uma única etapa, pode explodir a si mesmo.

— Eu sei — respondi. — Não foi o que quis dizer. É que praticamos muito. Estamos prontos. Tão prontos como podemos estar.

— Você e sua equipe precisam ser uma máquina bem ajustada — afirmou John.

Então por que Eugene está comigo?, pensei. O grupo inteiro culpava Eugene pela morte de Tommy — pelo menos era o que eu supunha. Ficava evidente na forma como falavam com e sobre ele, e também sobre Tommy. Eugene fez merda e Tommy morreu. E eu formava um esquadrão com ele e Kat.

Sentei na colina ao lado de Mary. Eu não sabia explicar por que fôramos separados. Tínhamos ficado muito próximos ao longo do verão que passamos na fazenda da família dela. Um sabia o que o outro pensava, como reagiria em qualquer situação. Mas ela partiria com Bruce — apenas os dois — para ir atrás do olmeca.

— Bom trabalho — elogiou ela, quando me sentei.

— É fácil — respondi. — Como eu disse, praticamos muitas vezes.

— Mas dessa vez a bomba era de verdade. Ah, qual é! Na minha vez não foi a mesma coisa, nem de longe. Eu pirava o tempo todo pensando que ia surgir uma fagulha nos fios do relógio ou mesmo da eletricidade estática nas minhas roupas.

Nervosismo, sabe?

— É — concordei. — Nervosismo. Acho que todos tivemos nossa última tentativa. Só haverá outra na hora agá. Como é o clima em Veracruz nesta época do ano?

— Ah, cala a boca — disse ela, rindo um pouco. — Não vou estar de férias.

— Você vai para as praias do México, e eu vou para Istambul e Bagdá.

— Vai estar quente.

— Acha que em Bagdá não vai estar?

— Deve ser mais úmido no México.

Kat se agachou do nosso lado e riu.

— Você pode ficar de biquíni em Veracruz. Eu preciso usar um *hijab* no calor de Bagdá.

Bakr levou a bomba desmontada para o lado oeste da depressão, e Bruce e Eugene enrolaram a lona outra vez e a levaram até a bomba. Bakr havia crescido em Bagdá — uma das cidades aonde Eugene, Kat e eu iríamos —, mas não fazia parte da nossa equipe. Ele disse que não gostaria de ser reconhecido por acaso.

— Rodney, Jim, Julia — chamou John. — São vocês agora.

Jim estava bem atrás de mim e se levantou.

— Última vez — disse John a ele. — Vamos para Reno amanhã, por isso não perca a chance.

Reno no dia seguinte. Sobraria uma semana antes da chegada do meteoro, e ainda teríamos que plantar as bombas — isto é, enviar os convites ao Chamado. Faltavam apenas mais algumas semanas até todos nos reunirmos em Munique para as Olimpíadas.

Semanas em que eu estaria afastado de Mary. Semanas que Bruce passaria fingindo ser namorado dela, de férias no mar cor de safira do México, bebendo margaritas e tequila, e...

— No que você está pensando? — perguntou Mary.

A cinquenta jardas de nós, Julia havia pegado a bomba, e Rodney e Jim estavam colocando a lona em posição.

Mantive a voz baixa.

— Acho que você deveria pedir ao John para trocar você pela Kat. Ou pelo Eugene... melhor ainda.

Ela não respondeu de imediato. Apoiou-se nos cotovelos e assistiu a bomba ser levada.

Eu sabia o que ela iria responder. Já havíamos falado sobre aquilo uma dezena de vezes.

— Mike — disse ela, suspirando.

Walter estendeu a mão e me deu um tapa na cabeça de leve. Ele não falou

baixo.

— Pare com isso. Estamos praticando com os grupos há seis semanas. Não vamos trocar de última hora. Você já memorizou as ruas de Istambul. Aprendeu um pouco de turco. Seu foco agora precisa ser o plano, depois pense na sua vida amorosa.

— Eu não falo turco. Aprendi a contar até dez e pedir informação para chegar ao hotel.

John voltou o olhar para mim.

— Em breve estaremos todos juntos de novo.

— Só acho que a Mary e eu trabalhamos bem juntos. Veja só — falei, apontando para o grupo que plantava a bomba e a lona. — O Jim e a Julia vão ficar juntos.

— Porque eles sabem trabalhar juntos — explicou Walter, em um tom frio como gelo. — Você, não. Você acha que sabe, mas em todos os exercícios de combate que fizemos, ignorava os objetivos das missões para proteger a Mary.

— Vocês a colocaram em uma unidade diferente para eu ficar menos preocupado com ela, é isso? — retruquei, com uma pergunta retórica.

Eu sabia a resposta.

— Estamos salvando o mundo. Precisamos fazer sacrifícios. Parece que você nunca entendeu isso.

— Eu não entendi? — repliquei, ficando de pé. — Você está de sacanagem comigo? Abri mão de todos os objetivos da minha vida. Abri mão da minha vaga em Berkeley. Abri mão das economias. Eu matei um homem, pelo amor de Deus. Abri mão de tudo, e você não me dá um desconto.

— Silêncio — ordenou John, observando Julia se ajoelhar ao lado da bomba.

— Fui eu que pedi para ficar em uma equipe diferente — disse Mary. — Você sabe disso.

— Eu sei. E estou pedindo para você mudar de ideia.

— É tarde demais para mudar — sentenciou John. — Mesmo se ela quisesse. Ela fala espanhol. Estudou por quatro anos na escola. Bruce também. Sem contar todas as informações de inteligência que ela memorizou. E você também. Diga, onde é o melhor lugar para encontrar armas no mercado negro de Veracruz? O melhor lugar para se esconder, caso a polícia vá atrás de você?

— Eu não preciso saber disso. A Mary já sabe.

— E se ela morrer?

Então qual é o sentido?, pensei. Eu acreditava nos objetivos da Linhagem Zero, mas tinha minhas prioridades, e Mary estava acima da missão.

Walter indagou:

— Onde você vai buscar a bomba e a lona na Turquia?

Eu o ignorei.

— Estou fazendo uma pergunta, Mike. Onde você vai buscar a bomba na Turquia?

Olhei feio para ele.

— No mercado de peixes de Fethiye, com um vendedor de anchovas chamado Salomão.

— E onde ela estará empacotada?

— Em um isopor para peixes com um fundo falso. Olha, eu sei aonde você quer chegar.

— Então cala a boca — retrucou Walter.

Mary me olhou e segurou minha mão.

Algo dentro de mim questionou se eu estava prestes a perdê-la. Sim, eu a protegia. Claro que protegeria. Eu não era um cretino sem coração como Walter. Se ir atrás de Jogadores significava deixar Mary sozinha, era óbvio que eu ficaria com ela.

Eu sabia que os Jogadores eram durões — Walter e Agatha haviam demonstrado —, mas agiríamos em equipe. Em cada prática — as corridas diárias e de obstáculos, os treinamentos de tiro e com a bomba, os diálogos de venda —, éramos uma equipe e ficávamos juntos. Só me desviei do plano para defender Mary nas vezes em que algo que deu errado: quando fomos atacados por trás ou quando perdemos o sinal do comunicador. Não era motivo para nos separarem. Eu estava me adaptando às mudanças.

Julia se levantou na frente da bomba, e Rodney tocou o pavio com o isqueiro apagado.

Bakr foi depressa desmontar a bomba mais uma vez, aprontando-a para o esquadrão nove, que era formado apenas por John. John e Walter assumiriam suas missões sozinhos. Era a única opção, considerando que não havia muitos de nós. Grupos de três — como eu, Eugene e Kat — tinham dois alvos a atingir. Outros tinham apenas um.

Apertei a mão de Mary. Eu queria que tudo aquilo acabasse.

John se levantou.

— Vamos para Reno amanhã à tarde. Temos mais treinamentos pela frente antes das viagens na semana que vem. E providenciamos um bom local para esperar pelo meteoro.

Capítulo Dois

— Ainda temos que realizar mais treinamentos — avisou Walter.

Estávamos de volta ao acampamento, exceto por Tyson, que ficara na entrada da fazenda vigiando o portão.

— Já começamos o treinamento de vigilância, mas precisaremos de um ambiente urbano. Precisamos ensinar vocês a seguir pessoas, tanto de carro quanto a pé. Vamos pegar pesado nesta semana. É algo imprescindível para encontrarmos os Jogadores quando chegarem à Alemanha.

Rodney falou:

— Sei que já conversamos a respeito, mas temos certeza? Será que o meteoro vai afetar nossos planos? Meu esquadrão deve ir à sede axumita primeiro. Fica na Etiópia. Do outro lado do mundo. Eles não vão ver meteoro nenhum.

— É um evento gatilho — disse Walter, com uma pontada de raiva. — O meteoro sairá nos noticiários e é o que a linhagem cahokiana acredita que será o sinal. Um grande evento natural. Poderia ser um terremoto em Roma ou um tsunami no Japão. Algum acontecimento que coloca tudo em ação. A natureza está nos mandando uma boa chance, e é nosso papel usá-la para enviar esses convites aos Jogadores.

— Mas por que bombas? — perguntou Lee, sorrindo, nem um pouco preocupado com as implicações morais de bombardear alguém; afinal, era ele quem havia projetado a termita e contrabandeado todas as bombas até os destinos. — Nós queremos apenas chamá-los, e não matá-los, certo?

— É o que o Walter sabe e a Agatha descreveu — respondeu John. — Ela disse que o convite seria violento. É para mandar uma mensagem.

— Aliás, por que o la Tène fica livre? — perguntou Henry. — Por que não vamos detê-lo?

— Já discutimos isso — disse John. — A Agatha falou que vai cuidar dele. Precisamos confiar. Ela não tem motivos para nos trair, já que foi excomungada da linhagem.

“E lembrem-se, nosso objetivo não é matar essas pessoas. Nós queremos detê-las. Iremos, espero, esclarecer as coisas.”

— Além disso, o mais importante, como eu disse uma centena de vezes: o que faremos não é um Chamado verdadeiro — acrescentou Walter, com a voz

cansada. — Para vencer o Endgame, é preciso mais do que matar os concorrentes. É necessário seguir pistas e resolver um enigma. Mesmo que a Agatha esteja mentindo quanto ao Jogador la Tène, ele não venceria nada.

Henry se levantou e começou a andar de um lado para outro.

— Nós temos certeza? O meteoro é um acontecimento grande. Acho que grande demais. Como sabemos que não vai desencadear um Chamado e um jogo de verdade?

— Mais um motivo para nos apressarmos — comentou John.

— Certo, vamos nos preocupar apenas com a tarefa que temos em mãos — disse Walter. — Temos muito a fazer, todos nós, e será perigoso e sério demais. Não podemos perder de vista o que estamos prestes a fazer. Precisamos chegar a Reno, treinar lá e depois seguir em frente.

Henry acenou com indiferença.

— Não fique desencorajado — incentivou John. — Sabemos que haverá problemas. Só precisamos lembrar que somos vinte contra onze. Nós é que vamos atraí-los para nosso campo. Naquela praça, eles estarão atentos, mas à espera dos outros Jogadores. Não estarão preparados quando batermos em suas portas querendo conversar. Sim, teremos armas, bombas, tudo de que precisarmos, mas é o plano B. O ideal é que convençamos a todos, e assim eles irão embora.

— E se alguém se virar contra nós? — perguntou Henry. — Vocês falam deles como máquinas assassinas.

— Eles também são muito sagazes. Inteligentes no sentido tático e estratégico. Um bom argumento, bem-feito, pode operar milagres — disse John. — Sim, há alguns filhos da puta cruéis no grupo. Para eles, uma bala pode ser a única solução. Mas a maioria deve ceder ao bom senso.

Fui até a barraca de suprimentos — que era só um abrigo impermeável feito com lonas — e peguei duas caixas de munição 7.62. Desde o assalto à loja de armas, eu era incapaz de permanecer parado. Precisava fazer alguma coisa, e ficar sentado no acampamento não contava.

Às vezes, atirar ajudava. Quase sempre eu praticava tiro à longa distância. A precisão e a concentração necessárias ajudavam a espantar da mente pensamentos sobre o xerife. Ouvi alguém se aproximando por trás.

— Ei, Mike.

— Mary — falei, sorrindo pela primeira vez no dia.

— Peguei o final da chiadeira do Henry. Não dá para levar essas balas no avião. Bem, pelo menos não na bagagem de mão — disse ela, com um sorriso rápido.

Ela largou uma caixa de balas 9 mm de ponta oca e tirou a Beretta da cintura.

Coloquei a proteção de ouvidos. Escolhi um alvo a 200 jardas e assumi a postura assertiva que Walter havia me recomendado meses antes. Antes de começar a primeira rodada, cuidei para que Mary estivesse com os protetores também. O alvo era uma lâmina de aço de uma polegada. Àquela altura eu já a atingira uma centena de vezes. Levei cerca de cinco minutos para projetar cada tiro: avaliar o vento, planejar a trajetória da bala. Mary, por outro lado, esvaziou o pente em um alvo a 30 jardas.

Quando ficamos sem munição, ela tirou os protetores de ouvido e os pendurou no pescoço, como um colar. Enlaçou o braço no meu, me interrompendo enquanto eu recargava. Coloquei a M14 na mesa de compensado improvisada.

— Ainda não estou satisfeito por não irmos aos mesmos locais nessa missão dos convites — comentei. — Não me importo com o que o Walter e o John dizem.

— Eu sei, Mike. Eu sei — disse Mary, exasperada.

— Acha que a termita vai funcionar? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— A Barbara me explicou. Deve funcionar como fogos de artifício. Então, acho que vamos às Olimpíadas, né?

— Acho que não teremos muito tempo para assistir a alguma coisa.

— Talvez tenhamos — disse ela. — Quando os Jogadores forem detidos, teremos vencido. Poderemos fazer o que quisermos.

Mary pegou os binóculos na mesa e ficou observando os alvos a 300 e 400 jardas nos quais eu estava atirando. Eu estava cada vez melhor com o rifle — era um dos melhores no grupo, superando a todos, exceto os veteranos de guerra: John, Walter, Bruce e Henry. Para ser sincero, eu era melhor que Bruce, mas decidi não comentar, já que ele era tão azedo. Ele aprendeu a atirar durante a Guerra do Vietnã, mas serviu na Marinha, na casa de máquinas de um destróier, de modo que depois do treinamento básico nunca precisou usar suas habilidades como atirador.

Mirei no alvo de 300 jardas pela luneta, expirei devagar e apertei o gatilho.

— Acertou — anunciou Mary. — Parte superior do ombro esquerdo.

O alvo era apenas um contorno de giz desenhado no tronco grosso de um pinheiro. Ajustei a mira e disparei de novo.

No instante em que apertei o gatilho, minha mente voltou a Redding, à loja de armas em que Tommy havia sido morto. O contorno de giz na árvore tornou-se a imagem do xerife, o sangue jorrando do peito, do pescoço e da cabeça. Fechei os olhos para me livrar da imagem, mas ainda estava lá — sempre estava lá. Eu não havia conversado com ninguém a respeito, mas Mary tinha que saber, certo?

— Acertou — repetiu ela. — Centro do peito. Tiro fatal.

Meu coração estava disparado, e eu comecei a suar ao olhar para o alvo mais uma vez. Senti as mãos tremerem, e o centro da mira dançava ao redor da árvore. Pisquei, e o xerife estava de volta.

Morris, estou tentando falar com você no telefone há dez minutos. O que é essa ligação que recebi sobre tiros...

Tommy estava deitado no chão. A imensa explosão de munição que saiu da espingarda de cano serrado de Morris o matou imediatamente — sem tempo de sofrer, se mexer ou falar. Eu fui atingido no ombro e ainda sentia o sangue escorrendo.

Disparei de novo.

— Opa — disse Mary, com um sorriso na voz. — Muito à esquerda.

Tentei firmar as mãos. Eu não sabia como Bruce e Eugene eram capazes de deixar aquilo para trás. Bruce matou Morris e o cara que atirou em Tommy.

Disparei outra vez, e uma lasca da árvore se soltou dois pés acima da cabeça do contorno.

— Eu não consigo, Mary — falei, largando a arma no chão e ficando de pé.

— Agora você vai ter que refazer a mira — respondeu ela, pegando o rifle.

— Você não ouviu? Não consigo!

— Basta praticar — aconselhou ela. — Você consegue. Está superando cada um no acampamento há semanas. Está melhor que eu, e olhe que cresci em meio a armas. Tive minha primeira vinte e dois aos dez anos, e meu pai estava me ensinando a atirar desde que eu tinha sete. E você ficou em terceiro lugar entre vinte na nossa última competição.

— Foi um golpe de sorte. Eu nunca supero o Bruce.

— Você superou naquele dia.

— E se eu atirar assim quando estivermos em Munique? E se eu estiver tremendo tanto a ponto de sequer conseguir olhar pela luneta? Eu deveria ser um franco-atirador. Nesse ritmo, vou matar nosso pessoal que estiver no chão.

— Dois tiros ruins não fazem de você um mau atirador. Você só deve estar precisando de um pouco de água e algo para comer.

— Eu o vejo toda vez que atiro — contei.

Mary ficou em silêncio. Estava olhando para o rifle em suas mãos, conferindo se a luneta estava avariada.

Sem olhar para mim, ela disse:

— Eu sei.

— Como posso viver assim? E não me diga que é melhor matar uma pessoa do que perder bilhões, porque estou cansado de ouvir o John dizer isso. Os Jogadores são alvos legítimos... precisamos detê-los. Até mesmo matá-los, se não nos ouvirem. Mas aquele xerife era um dos caras bonzinhos. Ele não

precisava morrer. Ele não deveria nem estar lá. Maldito Eugene!

— Concordo — disse ela, direta. — Foi culpa do Eugene. Eu me preocupo todos os dias com você e a Kat. A Kat é inteligente, mas o Eugene é incompetente. Você vai acabar morrendo por causa dele se alguma coisa não mudar.

— Bem, não temos mais tempo para mudar nada. O meteoro não pode ser adiado, e isso quer dizer que precisamos enviar os convites.

— Temos tempo. As Olimpíadas só começam daqui a duas semanas.

Peguei o rifle mais uma vez e mirei no alvo mais perto — um grande ponto vermelho pintado com tinta spray no tronco de um abeto branco. Estava a apenas 25 jardas. Disparei.

— Muito à direita — disse Mary.

Disparei de novo, mirando à esquerda do tronco.

— Acertou — anunciou ela.

Disparei de novo. E de novo. E de novo, até ficar sem munição.

Capítulo Três

Não levamos muito tempo para desmontar o acampamento e carregar a aparelhagem. Deixamos as barracas e o restante da estrutura — os fogareiros, sacos de dormir, isopores — e levamos apenas o que achávamos que iríamos precisar. Um dia, talvez, Mary voltasse e retomasse sua antiga vida. Mas, por ora, o acampamento estava escondido, de modo que ninguém deveria cruzar com ele até a temporada de caça. E, se isso acontecesse, ninguém saberia necessariamente que era nosso. Ela só insistiu para que limpássemos os milhares de cartuchos de metal na área de tiro. Não estava preocupada com possibilidade de a família encontrar uma área de tiro — todos eram atiradores, e havia outra área semelhante em outro ponto da fazenda —, mas a quantidade de cartuchos gastos, por si só, deixava óbvio que aquela área não era para uso casual.

Eram quase três da tarde quando partimos para Reno. Mary e eu fomos no Suburban, o segundo veículo do pequeno comboio. Queríamos deixar a van para trás — fora usada para assaltar a loja de armas e talvez tenha sido vista por alguém —, mas tínhamos gente e equipamentos demais. Planejamos abandoná-la assim que encontrássemos outra coisa.

Havíamos reunido todo nosso dinheiro assim que chegamos à fazenda. Mas não tínhamos muito. Lee e Lin gastaram bastante para, por meios escusos, obter C4 e termita suficientes para os convites. Precisaríamos assaltar outro lugar para conseguir o dinheiro necessário para comprar as passagens de avião. Só a viagem para Munique já seria dispendiosa, mas antes dela precisávamos enviar pessoas para lugares incomuns. Meu esquadrão iria a Istambul atrás do Jogador minoico e depois a Bagdá para achar o sumério. Lee e Lin precisavam ir até a China, o que era quase impossível. Precisávamos ir à Síria, à Etiópia e à Índia, e todos os voos seriam caros, sem falar nos hotéis, na comida, nos subornos e nas passagens para Munique.

Ninguém havia feito qualquer plano para depois de Munique. Não havíamos sequer tocado no assunto. Acho que estávamos muito nervosos.

A caravana — o Jeep, o Suburban, a van e o Skylark — parou em um mercado em Susanville. Douglas e Barbara, que tinham passado muito mais tempo fora do acampamento que o restante de nós, entraram para comprar o jantar.

— Todo mundo fica nos veículos — anunciou Walter, pelo walkie-talkie. —

Molly, você consegue uma placa nova para a van?

Ela estava no Jeep, à frente, e saltou do carro. Foi caminhando com passos confiantes até os fundos do estacionamento.

— Quanto tempo falta para Reno? — perguntou Bruce, do banco do motorista.

— Noventa minutos — disse Mary. — E reclame quem quiser: vou ser a primeira a tomar uma ducha.

— Cansada de tomar banho no riacho? — indagou Kat. — Posso acabar brigando com você por essa ducha.

— Somos vinte, quantos quartos vamos pegar ? — inquiriu Jim. — Eu voto que a gente ostente. Quero uma cama.

— Uma cama — repeti, curtindo a ideia. — Não tenho uma única boa noite de sono há não sei quanto tempo.

— Concordo com vocês — disse Bruce. — Mas o dinheiro não está comigo. Só estou dirigindo o carro.

— Doeí todas as minhas economias para esta missão — falei. — E vou ficar com uma cama.

Mary apertou minha mão. Nós dividíamos uma barraca com Bruce e Larry. Eu me acostumei a me aninhar ao lado dela, abraçando-a durante o sono.

Ela se tornara parte de mim, mais do que imaginei ser possível. Passávamos cada minuto acordados juntos. Aprendemos a mexer um com o outro. Quando corríamos pelas colinas no acampamento, eu sabia dizer quando ela estava apenas cansada ou quando precisava de ajuda de verdade — e ela era capaz de fazer o mesmo comigo. Quando ela estava remexendo no material do acampamento, preparando o jantar, atizando o fogo ou varrendo a barraca, eu sabia o que poderia estar incomodando. Eu conhecia os pensamentos dela; e ela, os meus.

E ela me ajudava na minha batalha para superar o assassinato do xerife. Quando eu acordava no meio da noite gritando e lutando contra o confinamento claustrofóbico do saco de dormir, ela me acalmava sussurrando no meu ouvido até eu cair no sono novamente.

Quando o Chamado tivesse acabado, eu não teria mais nada — nem uma casa para voltar, nem dinheiro com que viver, nem amigos a quem recorrer. Só Mary.

Mas será que eu poderia mesmo recorrer a Mary? Ela ia viajar com Bruce, por isso eu... bem, eu não sabia. E se alguma coisa acontecesse com ela?

Eu precisava tirar aquilo da cabeça. Não deveria ficar cheio de paranoias. Fazia quase dois meses que o plano era aquele. Eu já deveria ter aceitado.

À frente do carro, vi Molly voltando para o Jeep com a placa antiga na mão. Ela foi rápida.

Douglas e Barbara levaram mais 20 minutos para voltar do mercado com um carrinho cheio. Eu preferiria que fosse uma refeição quente, mas pelo menos era comida. Eles pararam em cada um dos carros e entregaram pães, frios, maionese e mostarda e muito mais lanches do que o necessário: batatas chips, biscoitos e bolinhos recheados, barras de chocolate, caramelos e vários pacotes com seis latas de refrigerantes.

Mary pegou os pães e os frios e preparou sanduíches de acordo com o pedido de cada um no carro. Não foi uma ótima refeição, mas era comida fresca, e a primeira vez em meses que comíamos uma carne que não havia sido preparada em uma fogueira de acampamento.

Comemos muito. A súbita onda de açúcar dos lanchinhos que não comíamos desde junho deixou a todos meio enjoados, mas eu me empanturrei mesmo assim.

Acho que acabei comendo metade dos bolinhos sozinho.

Kat manteve o jornal no colo enquanto comia.

— Estão chamando de “a grande bola de fogo diurna” — contou ela. — E, saquem só... vai atravessar os céus desde Nevada até o Canadá.

Mary terminou de mastigar um pedaço do sanduíche de salame e leu por cima do ombro de Kat.

— Está dizendo que pode não atingir o chão. Vai passar perto a ponto de atravessar a atmosfera e pegar fogo. Só precisamos que funcione como o gatilho.

*

John veio até o carro, e Bruce abriu o vidro.

— Vamos assaltar o banco — anunciou John.

— Opa — disse Bruce.

— Está falando sério? — perguntou Kat.

— Está quase na hora de encerrar o expediente — explicou John, olhando para o relógio de pulso. — Queremos agir antes que fechem. Olha, sei que vocês não estão satisfeitos, mas o Eugene vai liderar a ação. Ele já roubou três bancos antes.

Bruce riu.

— E passou cinco anos na cadeia por isso.

— Porque o piloto de fuga dele amarelou.

— E você está pedindo para eu ir com ele? — retrucou Bruce. — Para garantir que ele não atire em alguém por acidente?

— Não estou preocupado com isso.

— Não é uma fuga fácil — disse Bruce. — Nós temos um bom carro?

— Vamos usar o Skylark. A Molly vai trocar as placas. Nesse meio-tempo, quero que você e os outros dois carros vão para Reno. Arranjem quartos para nós no Harrah's. Usem as identidades falsas.

John voltou-se para mim.

— Você vai conosco, Mikey. E você também, Kat. É uma operação da equipe de vocês.

— O quê? — perguntei, embasbacado. — Por quê?

— Em parte porque você salvou todo mundo na loja de armas, mas também porque sua barba cresceu pra cacete. Vamos ser você, eu, a Kat e o Eugene. Pegue uma pistola e certifique-se de estar carregada.

Quando John se afastou, Mary apertou minha mão. Eu a beijei e peguei minha M1911.

— Não diga — falei, enquanto ela me encarava. — Vou tomar cuidado.

Mas, quando peguei a pistola e enfiei na parte de trás da calça, embaixo da camisa, senti o corpo tremendo. Ainda assim, saí do Suburban e fui até o Skylark, onde estávamos reunidos os seis ladrões. Kat foi comigo. Ela estava de camiseta e calça jeans.

— Eu não esperava fazer isso hoje — comentou comigo.

Pus as mãos nos bolsos para esconder o tremor.

— Você vai se sair muito bem — falei. — Treinamos em equipe. E temos o Walter e o John para nos ajudar, eles sabem o que estão fazendo. Só precisamos manter o Eugene sob controle.

— Ele já fez esse tipo de coisa antes — assegurou-me ela.

— Eu sei o que ele fez.

— Escuta aqui — disse Kat. — Sei que você o odeia pelo que aconteceu na loja de armas. Mas precisamos trabalhar juntos. A viagem à Turquia e ao Iraque não servirá de nada se não trabalharmos juntos.

— Eu sei.

Ela tocou meu braço.

— Vai dar tudo certo.

— Vamos roubar um banco.

— É o que precisamos. Caso contrário, não teremos como comprar as passagens. E precisamos morar na Turquia e em Bagdá por três semanas, não se esqueça.

Parei e olhei para ela.

— Eu confio em você — declarei. — Só não sei o que fazer em relação a ele.

— Eu também confio em você — disse ela. — Vai dar tudo certo. Vamos

contar um com o outro, e pronto. Apenas você e eu. Vamos deixar o Eugene cuidar das coisas dele, mas pense assim: somos só você e eu. Faremos isso juntos.

Olhei nos olhos verdes dela. Não sabia o que era aquilo. Mas acreditei. Ela me abraçou e me disse que ia ficar tudo bem. Em seguida, fomos até o carro.

Molly estava no banco do carona, os longos cabelos ruivos escondidos sob uma peruca afro bastante convincente.

Sentei ao lado de John. Eugene estava do outro lado. Kat sentou na frente.

— Vai ser fácil — disse Eugene, enquanto os outros três veículos se afastavam, a caminho de Reno.

— Walter, você fica do lado de fora e não deixa ninguém entrar ou sair. Queremos que haja clientes. Qualquer um que a gente possa ameaçar com uma arma será importante. John, você entra primeiro e pede para abrir uma conta corrente. Mike, leve duzentos dólares e peça ao caixa para trocar. Kat, você vai com ele. Finja que está preenchendo um formulário, uma guia de depósito ou coisa parecida. Eu serei o último a entrar. Vocês estarão todos lá para me dar apoio se alguma coisa der errado. Garantam que não haja nenhum herói. Não vai ser um assalto silencioso. Vou gritar muito, berrar com eles. Não mostrem as armas, a menos que precisem. Kat e Mike, não entrem em ação, só se for necessário. Apenas ajam normalmente. Molly, quanto tempo você vai levar para roubar placas novas?

— Menos do que você vai precisar para roubar o banco.

— Tudo bem, ótimo.

Ele olhou para o relógio. Faltavam 20 minutos para o banco fechar.

— Vamos lá.

Molly dirigiu por três quadras e entrou em um estacionamento que era compartilhado pelo banco, por uma empresa de seguros e por um Burger King.

Todos conferiram as armas. John e Kat tinham pistolas, como eu, mas Eugene levava a submetralhadora Beretta modelo 12 com a qual treinou durante o verão. Todos os homens tinham barbas e cheiravam a fumaça de lenha. Eu duvidava que fôssemos nos misturar bem com a multidão.

Eugene colocou uma mochila nas costas.

John saltou do carro e caminhou a passos largos até a porta. Parecia muito tranquilo. Eu não sabia como ele conseguia. Ainda mais com Eugene no comando.

Saí do carro e entrei no banco. Havia apenas duas pessoas na fila. Três atendentes ajudavam clientes nas mesas. Tirei dinheiro do bolso sem disfarçar.

A pistola parecia pesada e enorme nas minhas costas, escondida apenas pela camiseta do Los Angeles Rams. Eu me sentia muito exposto, como se fosse a

coisa mais estúpida que eu faria na vida. Comecei a respirar rápido demais e tentei usar as técnicas de meditação que John havia ensinado no acampamento, me forçando a respirar cinco vezes por minuto.

A porta rangeu quando Kat entrou atrás de mim. Ela foi até a mesa no meio do banco e começou a preencher uma guia de depósito.

Eu a observei. Seus dedos tremiam enquanto ela tentava separar uma folha das demais.

Eugene entrou chutando a porta, quebrando o vidro com um estouro.

— Se alguém tocar no alarme silencioso, eu mato cada um neste banco — berrou ele, balançando a arma para a frente e para trás. — Se eu ouvir uma sirene, vocês estão todos mortos. E não me testem... já fui acusado de dois assassinatos em Sacramento. Matando vocês ou não, vou para a cadeira elétrica, então não me testem.

O guarda do banco, um sujeito mais velho com barriga de cerveja, se afastou de Eugene. Ele falou com a voz trêmula:

— Não faça isso, filho.

— Só vou agir se ouvir uma sirene ou se algum idiota tentar bancar o herói. Agora me dê sua arma.

Os dois clientes na minha frente haviam se atirado no chão e estavam escondidos atrás de um balcão estreito. Eu me joguei ao lado deles.

O guarda retirou o revólver do coldre e colocou a arma no chão bem devagar. Eugene a pegou e enfiou na parte de trás da calça.

Então apontou a arma para o primeiro atendente, um jovem de terno e gravata.

— Você tocou o alarme?

— Não, senhor.

— E você? — perguntou, apontando para a mulher no cubículo seguinte.

Ela balançou a cabeça. O homem na ponta ergueu as mãos e disse:

— Eu também não.

— Por acaso eu estava falando com você? — gritou Eugene. — Agora pegue uma sacola e coloque nela todo o dinheiro que você tem. Esvazie todas as gavetas. Cadê o gerente?

O homem sentado à mesa onde John estava se levantou. Com muita calma, John puxou a arma do cinto e a apontou para o gerente.

— Olá — disse John, com um sorriso casual, mostrando a arma.

Eugene foi até o balcão e apontou a submetralhadora para uma cliente, uma mulher acima do peso com uma bolsa enorme.

— Ela morre se eu não vir o dinheiro chegando, sr. Gerente.

— O dinheiro fica em um cofre que possui fechamento automático — disse o gerente.

— Ela morre se eu não vir o dinheiro chegando — repetiu Eugene. — Já falei que esta arma dispara quinhentas e cinquenta vezes por minuto? Mas não se preocupem, porque só tenho quarenta balas no pente.

— Não temos mais nada — implorou o gerente.

John falou:

— Bem, acho que é melhor você arranjar mais. Que tal todo mundo aqui esvaziar as carteiras?

Eugene berrou de novo:

— É isso mesmo. Tirem tudo que está nos bolsos. As joias também.

A mulher deitada no chão ao meu lado tocou em uma corrente de ouro com um pingente de coração no pescoço, tentando escondê-la com a mão, mas eu me levantei e puxei a arma.

— Entregue aqui.

Peguei o colar e o coloquei no bolso. Enfiei a mão na bolsa dela e encontrei sessenta dólares. Eugene estava com a sacola de dinheiro e a levava de um lado a outro.

— Todo mundo já entregou tudo? — perguntou ele, e John e eu dissemos que sim.

Kat ainda estava se comportando como cliente. Ela tinha dado a bolsa a Eugene.

Eugene atirou a sacola para John, que a esvaziou na mesa do gerente do banco, que parecia perplexo.

— Sr. Gerente, me ajude a encontrar as bombas de tintas nesta bagunça — pediu John.

O gerente se jogou para trás na cadeira. Havia muito dinheiro trocado, e John recolheu tudo para colocar de volta na sacola. Pegou as carteiras, esvaziou todas e as largou no chão. Enquanto isso, abatido, o gerente mexia nos maços de notas novas. Colocou um de lado, e John encarou-o.

— Qual é! Eu sei que tem mais.

Por fim, o gerente tirou cinco maços de notas da pilha, e John conferiu cada um deles. Depois se virou para Eugene e disse:

— Acho que acabamos por aqui.

Eugene olhou mais uma vez para as pessoas e tirou a mochila dos ombros.

— Mais uns detalhes. Nesta mochila tem uma bomba. Ela é extremamente sensível. Depois que eu a armar, não recomendo que vocês tentem movê-la. Acenem com a cabeça se entenderam.

Todos assentiram.

Kat se levantou e se juntou a nós.

John, Kat e eu passamos por Eugene e saímos pela porta. Ele nos seguiu, se

virando de costas quando as portas duplas de vidro se fecharam. Passou as alças da mochila por cima dos puxadores das portas.

— Vamos dar o fora — disse John, e, resistindo ao impulso de correr, saímos caminhando, sem dar qualquer indício de que estávamos com pressa.

Kat sequer precisou sacar a arma.

Molly, ainda com o cabelo afro, nos encontrou no estacionamento em um Monte Carlo bege e marrom.

No carro, todos parabenizaram Eugene. Até eu precisei admitir que ele sabia o que estava fazendo. Havia um saco de papel no banco da frente, e Molly enfiou a mão nele enquanto dirigia.

— Senhores, está na hora de voltarmos à civilização.

Da sacola, saíram quatro lâminas de barbear, quatro toalhas e uma lata de creme de barbear.

— Vamos para Reno.

Eu só me cortei duas vezes.

Capítulo Quatro

Fiquei parado diante da vitrine de uma loja de departamentos encarando as TVs do outro lado da vidraça. Estava passando *Tudo em família*, mas eu não estava prestando atenção à série. Estava de olho em um homem de terno e colete descendo pela Second Street. Ele havia saído do Harrah's, e John o escolhera como "o alvo".

Haviam se passado quatro dias desde o assalto ao banco, e a aparência da equipe era bem diferente. Os homens estavam todos limpos e barbeados, com a exceção de alguns bigodes bem aparados (e de Walter, que manteve a barba desordenada); as mulheres investiam na maquiagem e nos cabelos bem penteados. Todas as roupas que usamos nos meses de acampamento foram jogadas em um latão de lixo atrás do cassino Bank Club.

Tínhamos muito dinheiro vivo do assalto ao banco, mas não tentamos penhorar as joias: estávamos perto demais de Susanville, e Eugene insistia que os policiais deviam ter alertado as lojas de Reno acerca dos roubos. Decidimos que penhoraríamos as joias nas cidades em que os voos fizessem escalas quando fôssemos entregar os convites aos Jogadores.

Mas, por ora, estávamos em Reno para treinar em um ambiente urbano e desenvolver habilidades diferentes das que havíamos aprendido no acampamento. Lá, aprendemos a lutar: atirar, lançar facas, combate corpo a corpo e invadir uma casa.

No momento, estávamos aprendendo a rastrear e seguir. Eu me vi em uma posição em que jamais havia me imaginado: estava à frente do alvo — caminhando pela calçada a cerca de 50 pés de distância, parando apenas de vez em quando para me certificar de que ainda podia vê-lo. Outra pessoa — Eugene — o seguia, uns 100 pés atrás. E Kat, a terceira integrante do esquadrão, estava do outro lado da rua, a cerca de 300 pés. A função dela era assumir o lugar de Eugene caso ele receasse ter sido notado pelo alvo.

Eu me movimentava de modo bem casual — como era verão e havia muitos turistas, um jovem de boné e camiseta não se destacava na multidão.

O alvo não estava com pressa. Provavelmente estava em horário do almoço. Mas devia estar ficando cansado: era uma tarde escaldante de agosto, e ele usava um terno de lã.

Segui um pouco adiante até uma loja de presentes, onde havia um mostruário cheio de cartões postais ao lado da porta. Peguei um e olhei para o alvo. Ele estava se aproximando — depressa, como se estivesse atrasado para voltar ao trabalho. Guardei o cartão postal e me apressei para continuar na vanguarda. Não queria dar a impressão dos meus movimentos terem qualquer relação com os dele, mas eu era novo naquilo e não sabia o que fazer se ele tomasse a dianteira.

Parei de novo, desta vez diante de um restaurante. Um mostruário de vidro exibia o cardápio. Comida chinesa — eu nem parei para ver o nome do lugar. Devia estar me destacando na multidão. Qualquer alvo de verdade teria me identificado àquela altura. Eu conhecia o sinal que alertaria Kat para se apressar e assumir, mas ela teria que correr para passar pelo homem.

Não havia nada que eu pudesse fazer. Depois do restaurante chinês tinha um cruzamento, e eu não fazia ideia do caminho que o homem seguiria. Fiz uma pausa na esquina, olhei para os lados como se estivesse decidindo por onde ir. O alvo estava a 10 pés de mim.

Fiz a única coisa que veio à cabeça. Fingi não o notar e me virei depressa, calculando a virada com perfeição de modo a dar um encontrão nele.

— Desculpe-me — disse o homem, cambaleando para trás.

— Minha culpa — falei. — Perdão.

— Desculpe-me — repetiu, com irritação na voz.

Ele conferiu os bolsos em busca da carteira. Achou que eu fosse um batedor de carteiras!

O semáforo ficou verde, e ele começou a se afastar. Não o segui. Decidi me virar e voltar até Eugene. Vi Kat correndo até nós.

— O que foi aquilo? — perguntou Eugene, evidentemente irritado com o que havia acontecido.

— Ei — disse Kat, nos alcançando. — O que aconteceu?

— Como não sabia o que fazer, eu o esfaqueei.

Kat olhou por cima do meu ombro para o homem, que continuava andando pela rua.

— O quê?

— Bem, não de verdade — falei. — Mas ele ia escapar, aí me virei e... se fosse pra valer... eu o teria esfaqueado.

— E se nós não quiséssemos que ele fosse esfaqueado? — indagou Eugene.

— Sinto muito — respondi.

Não gostei da atitude dele.

— Ele estava escapando — justifiquei.

— Não — disse Eugene. — Você deveria ter esperado no semáforo e atravessado com ele. Depois deveria ter sinalizado para mim ou para a Kat, e

teríamos corrido para assumir seu lugar.

— Ou poderia ter apenas recuado, virado a esquina — sugeriu Kat. — Estamos aqui para ajudar você. Pelo menos foi o que entendi. É como malabarismo: tem sempre uma pessoa à frente do alvo, mas nós três nos revezamos entre as posições. Mas esfaquear seria inteligente, se fosse um Jogador — acrescentou. — Foi uma boa decisão.

— Se ele fosse um Jogador, aposto que teria me reconhecido antes. E, se eu esfaqueasse um Jogador, ele sem dúvida revidaria. Parece que somos a equipe do *Mod Squad*, só que uma versão mais burra. E não digo como um insulto. Mas aposto que funcionaria melhor se o John e o Walter nos aconselhassem mais.

Kat respirou fundo.

— Acho que eles também não sabem o que estão fazendo. Quer dizer, eles nos deram instruções e tudo, mas acho que estão inventando. Meu irmão é veterano, assim como eles, mas essas técnicas de espionagem não são ensinadas no treinamento básico dos fuzileiros navais.

Eugene concordou.

— É, mas eles eram das forças especiais. O problema é que não temos ninguém no grupo que saiba como fazer ou que já tenha feito isso antes. Assim, já roubei pessoas, mas eram lojas e bancos. Não sou um assaltante.

— O cara, o alvo, achou que eu estava batendo a carteira dele quando esbarrei. Nós não temos sequer um batedor de carteiras na equipe.

— Não é verdade — disse Kat. — Aposto que Molly poderia nos dar algumas dicas.

Eugene expirou lentamente.

— Bem, vamos ter que perguntar a ela hoje à noite. Por enquanto, vamos escolher um alvo novo. Kat, quer ir na frente?

— Claro.

— Mike, você fica com o lugar no meio, e eu vou atrás.

Trabalhamos ao longo da tarde escolhendo alvos de todo o tipo. Acabamos por seguir um batedor de carteira de verdade perto das cinco e trinta da tarde e o vimos roubar pelo menos três pessoas. Por fim, ele percebeu que eu o seguia e de repente tínhamos um alvo real. Ele não correu — era esperto o bastante —, mas entrou no cassino Red's e tirou a camisa azul que vestia, revelando a camiseta branca que estava por baixo. Eu não o teria visto se tivesse demorado 10 segundos a mais. Quando ele jogou a camisa fora, nossos olhares se cruzaram por um instante.

Se fosse um Jogador, teria me matado ali mesmo, naquele instante, mas era só um ladrãozinho de rua que foi para o emaranhado caótico de caça-níqueis para me despistar. Eu o acompanhei mais de perto — já que a perseguição era de

verdade — e tentei capturá-lo enquanto nós dois tentávamos não sermos percebidos pelos seguranças do cassino. Fiquei na cola até ele se afastar das máquinas e ir a passos rápidos até as portas. Quando saí, Eugene estava segurando o batedor de carteiras e Kat bancava a policial disfarçada.

— Desembucha — disse ela enquanto Eugene empurrava o sujeito contra a parede de tijolos do Red's.

— Não sei do que você está falando.

— Mentira — retrucou Eugene, e olhou para mim. — Quanto ele roubou?

— Eu vi três pessoas.

Eugene o agarrou pelo colarinho e o virou, com o rosto na parede. Havia carteiras nos dois bolsos de trás. Eugene pegou uma delas e a abriu.

— Então você é Daphne Shelton, de cinquenta e três anos?

— É a minha mãe — disse o sujeito.

— E quem é Rachel Johnson, de quarenta e seis? É você?

— Sua mãe.

— Ah, e eu ia deixar você ir embora. Perdeu, princesa.

Ele empurrou o cara pelas portas do cassino. Bem na entrada havia um homem muito grande de terno.

Peguei as carteiras de Eugene e as entreguei ao segurança.

— Este cara tentou bater a carteira do meu amigo no cassino. Parece que ele já roubou de algumas pessoas.

— Sem problemas — disse o guarda, pegando as carteiras e conferindo as identidades.

Um instante depois, foi até um telefone na parede e resmungou alguma coisa. Em seguida, desligou e voltou, segurando o braço do ladrão e algemando o pulso dele. O guarda me olhou.

— Lamento que tenha tido uma experiência ruim em nosso cassino. Tome, por conta da casa.

Ele estendeu a mão e me deu uma ficha de vinte dólares. Kat, Eugene e eu passamos a hora seguinte jogando *blackjack*. Eu era novo demais para sequer estar no cassino, mas minha carteira de motorista falsa dizia que eu tinha 22 anos. Fiz jogadas conservadoras, às vezes ganhando alguns dólares e às vezes perdendo vários, enquanto Eugene e Kat usaram o próprio dinheiro (bem, o dinheiro do grupo, mas eu não ia surtar por causa disso) e fizeram apostas grandes. Eugene perdeu 35 dólares antes de desistir. Kat parou quando ainda estava ganhando e transformou 20 em 60. Eu apostei sem parar, tentando recuperar o dinheiro que estava perdendo, até gastar minha última ficha.

Kat comprou bebidas, um luxo do qual se abstiveram na fazenda. Eu só tomei club soda — ainda não bebia — enquanto Eugene virava doses e Kat bebericava

vinho.

Após seguir e apanhar o batedor de carteiras, todos nos sentimos muito bem.

Brindamos a Istambul. Se tudo saísse conforme planejado, estaríamos no avião em dois dias.

Capítulo Cinco

— Se um de nós Jogar, eu perco — disse John, cortando um pedaço de bife e mergulhando na gema mole de um ovo frito. — E você sabe o que significa perder. Toda a minha linhagem, toda a minha família, todo mundo que eu conheço morrerá. Vocês compreendem?

— E se ninguém Jogar, os Criadores perderão — acrescentei. — É o que queremos. É o que precisa acontecer.

— Eles não perdem. Têm todo o poder. Você não entendeu que eles são insanamente poderosos? Estão falando em acabar com onze doze avos da população do planeta quando houver um vencedor. O que farão conosco se nos recusarmos a Jogar?

John enfiou o garfo no bife de novo. Estava malpassado. Vermelho no meio. Eu já havia comido o meu.

— Mas... — falei, buscando as palavras certas.

No restaurante quase vazio do cassino, alguns membros da Linhagem Zero nos ouviam, mas a maioria ensaiava os próprios argumentos. Éramos os únicos lá, enquanto esperávamos e observávamos as imensas janelas viradas para o noroeste.

— Mas pense na última vez que os Criadores estiveram aqui. Éramos basicamente homens das cavernas. Vivíamos da coleta e da caça. E se nós, o mundo, os enfrentarmos agora? Da última vez que vieram, tínhamos paus e pedras. Hoje, temos armas nucleares.

— Eles fazem viagens interestelares — contrapôs John, sorrindo.

Vínhamos praticando esses diálogos o verão todo e tínhamos todos os debates planejados, argumento por argumento. Não queríamos lutar contra 11 Jogadores, seria suicídio. Queríamos convencê-los a não Jogar, a seguir o conselho dos escritos antigos da Irmandade da Serpente: *Jogar é perder o jogo. Sucesso, sobrevivência, liberdade só poderão vir da recusa de Jogar.*

Provem aos Annunaki que vocês não são animais irracionais, que podem pensar por si mesmos. Que nós, todos nós, merecemos uma chance de viver.

Escolham questionar o que lhes foi ensinado.

Escolham ser livres, escolham a liberdade para todos.

Escolham não Jogar.

— O próprio livro diz — afirmou John —, e eu cito: “nós, a espécie humana, não passamos de ferramentas”. Acha que nossas bombas atômicas vão derrotá-los?

— Nós vamos vencê-los — insisti. — O livro diz que deveríamos nos recusar a Jogar. E, no tempo em que o livro foi escrito, eles eram muito mais avançados, mas não são mais. Olha só, não estou falando para você e eu lutarmos contra eles. Estou falando de uma espaçonave que vai chegar à Terra e ser enfrentada pela força militar norte-americana. Os russos também lutariam. Todos se uniriam para salvar a espécie humana.

— Você está falando da mesma força militar que não avançou nem um pouco no Vietnã nos últimos dez anos?

Eu me debrucei, apoiando os cotovelos na mesa.

— Estaríamos unidos contra um inimigo comum. É o que estou pedindo para você fazer: unir-se aos outros Jogadores contra um inimigo comum.

— Algum outro concordou?

— Estamos conversando com todos vocês ao mesmo tempo. Outros membros da nossa equipe estão com eles nos hotéis agora.

— Então que garantia eu tenho de que vou abandonar o jogo, me tornar um pacifista e não vou ser esfaqueado pelas costas por um olmeça maluco? — perguntou John, tomando um gole de café.

Gaguejei, sem saber o que dizer.

— Você leu essas páginas.

— Qual a procedência desse livro, afinal? Você disse que conseguiu com a la Tène, mas e se ela o deu a vocês para que fizessem todo o trabalho sujo? Eliminassem alguns competidores e ajudassem a la Tène a vencer.

— Um trecho dessas mesmas páginas veio da linhagem cahokiana. Duas testemunhas.

— Salvo que, até onde sei, você inventou isso tudo.

— Para algumas coisas, você precisa ter um pouco de fé.

— Você não sabe me dizer de onde veio ou quem escreveu esse negócio ou como eles sabiam do que estavam falando. Está pedindo mais fé do que eu tenho.

— Eu...

Fui incapaz de pensar em algo para dizer.

— Agora, se me der licença — disse John. — Eu tenho um jogo para vencer.

Ele levantou uma das mãos imitando o formato de uma arma e falou:

— B...

— Vamos matá-los — interrompi. — Se não se juntarem a nós de forma pacífica, acabamos com todos.

— E você vai me matar se eu não concordar?

Ele baixou o polegar até o indicador.

— Bang.

— Droga.

— Lembre-se das regras básicas — disse John, estendendo os braços.

— Eu escrevi as regras básicas — respondi. — Fui eu quem ensinou essas técnicas.

Eu era o único do grupo que havia trabalhado com vendas — na loja de móveis da família. Tinha ajudado a escrever os diálogos e os ensinado durante o verão na fazenda.

Por outro lado, nunca fui bom em vendas. Eu detestava aquilo.

— Qual é! — disse John, com um sorriso. — Você sempre foi melhor nisso que o resto de nós. Mas escolheu o livro como prova. Não foi você quem nos disse para não usar o livro?

— Foi — respondi, tomando um longo gole do suco de laranja.

— Qual é o segredo para vender a história?

Eu detestava repetir tudo para ele.

— Fui eu quem bolou isso tudo.

— Demonstre empatia. Construa uma relação de confiança. Os clientes se importam com eles mesmos, não com você — enumerou John.

— E não cite fatos que você não consegue comprovar.

— O livro não é uma opção — sentenciou ele.

— Eu sei.

— Boa notícia — disse John, apontando para meu bilhete da quina. — Acho que você acabou de ganhar o grande prêmio. Apostou cinco dólares nisso?

Peguei o bilhete e me virei para olhar o painel de números na parede do restaurante.

— Rá! Sete!

Era um jogo de 10 escolhas, e eu havia acertado sete.

— Temos um vencedor! — anunciou Mary, fazendo sinal para a garçonete.

Eu vinha apostando cinco dólares na quina o dia inteiro, e fazia horas que estávamos naquele restaurante. Eu já havia gasto 50 ou 60 dólares.

Um funcionário do cassino — não a garçonete — veio até a mesa. Havia luz entrando pelas janelas ao norte e ao oeste, iluminando a decoração cor de vinho: os carpetes, os bancos das cabines, a tinta nas paredes. Ele tinha na mão o cartão da quina que eu dera à garçonete.

— Sete acertos em dez — disse ele, com um sorriso alegre, conferindo meu cartão. — A aposta foi de cinco dólares e, como são cinquenta dólares por dólar, isso dá duzentos e cinquenta. Posso ver sua identidade, por favor?

— Ah — respondi. — Sim, claro.

Enfiei a mão no bolso de trás.

— Pode ser meu passaporte?

— Perfeitamente.

O passaporte era falso, e era a primeira vez que eu precisava usá-lo. Em teoria, eu não tinha idade para apostar. Mas também não deveria ter matado um xerife. Em comparação, mentir sobre a idade para jogar não parecia mais algo digno de preocupações.

— Frank Finn — leu. — Parabéns.

Ele me entregou o dinheiro e o passaporte.

— Bom trabalho — disse Mary.

Ela ficou ao meu lado durante o ensaio com John.

— É, se eu tenho uma habilidade, é a de acertar números aleatórios.

Ela estava segurando a pilha de 10 ou 12 cartões que não tinha acertado.

— Não acho que isso conte como habilidade — comentou ela, sorrindo.

— Recuperarei todo o dinheiro e ainda sobrou — falei, lhe entregando o envelope.

De repente, ouvimos um estrondo, e as mesas balançaram como se um avião estivesse nos sobrevoando.

— Caramba — disse Jim, levantando-se e correndo até a janela. — Pessoal, é ele!

Todos nós — todos os vinte — nos levantamos e atravessamos o salão.

As janelas eram grandes e davam para o estacionamento do cassino Tombstone e para o deserto ao nordeste de Reno. Mas não olhamos para nada no chão. No céu, a leste, estava o meteoro, uma bola de fogo brilhante que deixava um rastro de fumaça. O meteoro sobre o qual Agatha havia nos contado, o meteoro que iríamos reivindicar para convencer os Jogadores de um suposto Chamado nas Olimpíadas de Munique. Agatha, uma ex-Jogadora la Tène que fora expulsa de sua linhagem, havia nos dito que ele viria — ela tinha contatos na NASA. Mas eu não estava preparado para algo tão espetacular.

O rastro de fogo se movia devagar do sul para o norte e devia estar bem longe, já que parecia tão lento.

— É isso aí, pessoal — disse John, olhando ao redor, e sussurrou: — Fiquem em silêncio.

Eu me virei e vi que a equipe do cassino estava se juntando a nós nas janelas, observando a bola de fogo com espanto. Parecia estar pegando fogo mesmo, mas eu não sabia muito sobre meteoros. Não devia ser do mesmo tipo das estrelas cadentes — estas eram rápidas e desapareciam em um piscar de olhos. O meteoro, por sua vez, ainda estava viajando pelo céu.

— Deve estar a umas cem milhas — disse Bruce. — Pelo menos.

— Aposto como vai cair no Canadá — respondeu Eugene.

— Pode ser como o evento de Tunguska — sugeriu Rodney. — Aquele meteoro que caiu na Sibéria há cinquenta ou sessenta anos.

— Ouvi falar — comentou John, dando risada. — Há muitas conspirações sobre essa história.

— Bem, tolos nascem a cada minuto — disse Rodney.

A garçonete tocou no vidro.

— Será que não é um míssil russo? Quer dizer, precisamos ligar para alguém?

— Para quem ligaríamos? — indagou a recepcionista.

— Para a polícia?

— O que a polícia local vai fazer? — perguntou a recepcionista. — Além do mais, tenho certeza de que vai aparecer em todos os noticiários.

Um instante depois, quando as pessoas começaram a dar meia-volta e retornar aos seus afazeres, houve um barulho imenso, e todas as janelas se estilhaçaram.

Eu me abaixei, e cacos de vidro voaram na minha direção, arranhando a lateral do meu rosto.

— Ah! — gritou Mary. — Todo mundo está bem?

— Acho que tem alguma coisa no meu olho — disse Bruce. — Merda.

A garçonete estava com o braço ensanguentado, e eu vi de onde vinha: um pedaço de vidro no formato de uma adaga, com umas três polegadas, estava enfiado no antebraço dela, de onde saía um fluxo constante de sangue vermelho vivo.

Bruce estava pedindo água para limpar os estilhaços em seus olhos e Mary encontrou Julia sangrando na testa. Toquei a parte de trás da minha cabeça e algumas gotas de sangue ficaram em minhas mãos, mas não sentia dor, como se houvesse vidro enfiado na pele.

Barbara examinava o pescoço de Kat, onde havia um filete de sangue.

John me agarrou e sussurrou no meu ouvido:

— Volte para o quarto e faça as malas. Passe adiante.

Mary e eu dividíamos um quarto no hotel, e tentei fazê-la ir embora comigo, mas ela queria ficar para ajudar Bruce.

Todos éramos treinados em primeiros-socorros, já que viajaríamos em grupos tão pequenos. Kat era enfermeira, e havíamos passado quatro ou cinco horas por semana aprendendo primeiros-socorros com ela.

Alguém entrou correndo no restaurante com uma caixa de primeiros-socorros. Kat a pegou e abriu.

— Sou enfermeira.

Primeiro, foi até Bruce.

— Droga. Por que não tem soro fisiológico aqui?

Fui até a garçonete, mas Walter já estava lá, usando um guardanapo de tecido para fazer um torniquete. Ele a fez se sentar para não desmaiar. A recepcionista estava ao telefone, ligando para a polícia.

Mary estava ao lado de Bruce e Kat, e eu a agarrei pelo cotovelo, trazendo-a para mim.

— John quer que a gente vá para os quartos e se apronte para ir embora.

— Eu não vou enquanto o Bruce estiver aqui com vidro no olho — disse ela.

— Tudo bem — respondi, passando adiante, para Julia e Jim.

Contei a eles o que John dissera, e os dois assentiram com a cabeça e seguiram em direção à saída. Eugene era o próximo.

— E se for de verdade? — disse Eugene, ainda olhando fixamente pela janela.

— Quer dizer, nós já conversamos com John e Walter, mas e se o meteoro foi um Chamado de verdade? Foi impressionante.

— Se for um Chamado pra valer, precisamos chegar aos Jogadores o quanto antes. Precisamos impedi-los de Jogar ou mesmo de atender ao Chamado *verdadeiro*.

— Ele ainda está voando — disse Eugene, apontando pela janela. — De onde veio a explosão?

— Explosão sônica — explicou Walter.

Começamos a ouvir sirenes. Eu não sabia aonde a polícia estava indo, mas em algum momento viria ao cassino. A recepcionista já havia ligado.

— Precisamos sair daqui, Eugene.

— Não só nós dois — disse ele. — Todos nós.

Pela janela, vi uma viatura da polícia parar no estacionamento com as luzes vermelhas e azuis piscando. O estacionamento estava cheio de cacos de vidro — as janelas de muitos dos carros também foram esvaquiadas.

Passei pelo grupo, sussurrando para todos saírem, e enfim voltei até Mary.

— Polícia — falei. — O assalto ao banco. E aquela foto em Berkeley ainda pode me denunciar. Vamos lá. A Kat está cuidando do Bruce.

Ela olhou para Bruce por um tempo e saiu do restaurante comigo.

Capítulo Seis

Mary e eu ficamos deitados na cama king-size zapeando os canais da TV em busca de notícias a respeito do meteoro.

Por fim, alguém bateu na porta. Nós dois tomamos um susto.

Ela foi até o olho mágico, e me posicionei ao lado dela após pegar minha pistola M1911 na mesinha. Soltei a trava de segurança.

— É o John — disse ela, abrindo a corrente.

Travei a arma de novo e a recoloquei na cintura enquanto a porta era aberta. Eu passei a me sentir confortável com as armas. Havíamos treinado todos os dias durante o verão inteiro — não apenas tiro ao alvo, mas também táticas de ataque. Muitas coisas me faziam pensar que estávamos exagerando, que aquilo tudo era desnecessário, mas Walter dizia que os Jogadores eram treinados daquela forma, de modo que iríamos fazer o mesmo.

John entrou no quarto e fechou a porta.

— Como está o Bruce? — perguntou Mary.

— Ele vai ficar bem — respondeu John. — A Kat tirou o vidro, e nós saímos de lá antes de os paramédicos aparecerem.

— Eu vi o carro da polícia — contei.

— Nós saímos do restaurante antes mesmo de subirem a escada. O cassino estava um pandemônio, e a polícia foi para lá primeiro.

Mary passou os dedos pelos cabelos em um gesto ansioso.

— Isso vai mudar nossos planos?

— Não. Continua tudo como antes. Você e Bruce vão para o México. Mike: você, Kat e Eugene seguem para a Turquia e o Iraque.

— Gostaria de ressaltar mais uma vez minha objeção ao Eugene.

— Eu sei como você se sente em relação a ele — disse John. — Mas você estava no banco, ele fez um ótimo trabalho. A loja de armas foi azar.

— Azar? — repeti, levantando a voz.

— Foi — respondeu ele, em tom calmo. — Azar. Você alimentou essa bronca o verão inteiro. Foi azar, pura e simplesmente.

— O Tommy morreu.

— Poderia ter sido qualquer um de nós. Estamos todos arriscando nossas vidas, Mike. O Tommy sabia disso ao se envolver.

John deu um tapinha no meu ombro.

— Os voos partem esta noite. Vejo vocês lá. Não deixem que isto mude nada. Temos trabalho a fazer, então quero que vocês dois resolvam isso. Ou somos uma equipe, ou não somos. E se não formos, os Jogadores vão acabar conosco.

Ele se virou e abriu a porta.

— A Barbara está com as passagens e a parte de vocês do dinheiro. Não esbanjem. Vão precisar de grana para todas as operações: ir de uma cidade a outra, comer, sair de Munique em segurança. Esperem aqui. Ela virá até vocês.

*

Não falei quando a porta se fechou, deixando Mary e eu a sós.

— O Eugene vai se sair bem — disse Mary. — Será bom tê-lo na equipe.

— Você não estava na loja de armas.

— Sinto como se estivesse. Você me falou tanto sobre aquele dia. Precisa superar essa história.

— Superar essa história? Foi a vida do Tommy.

— Mike, não comece. Agora, não.

Peguei a mala e a coloquei na cama. Abri para conferir a bagagem, apesar de tê-la arrumado dias antes. Ali havia tudo para uma viagem à Turquia e ao Iraque. Guias, mapas, dicionários bilíngues e dossiês acerca das linhagens minoica e suméria. Mary estava em pé à minha direita, mais perto da porta. Eu só a via pela visão periférica. Ela não estava se mexendo.

— A única pessoa que quero na minha equipe é você.

— Mike. Você sabe que é má ideia. Por muitos motivos.

— Porque eu fico melhor sem você?

— Já falamos sobre isso, Mike. Muitas vezes. Lembra duas semanas atrás?

Eu sabia do que ela estava falando. Estávamos em um treinamento — treinávamos o tempo inteiro todas as situações em que pudéssemos pensar. Eu, Bruce, Mary, Kat e Eugene liberávamos uma fábrica de tecidos abandonada no distrito industrial de Sacramento. Todos havíamos entrado no prédio com as armas preparadas, exatamente como Walter e John haviam nos ensinado. Bruce era o líder, seguido por Mary, depois por Kat, Eugene e por mim na retaguarda. Depois que verificamos o térreo, Bruce ordenou que eu me posicionasse atrás de um tear de quinze pés, protegendo a escada e vigiando a porta. Ele e Mary foram para o andar de cima. Estavam em silêncio. Praticamos aquele tipo de ações por meses — como caminhar em silêncio, como nos comunicarmos com sinais das

mãos — e éramos bons naquilo. Fiquei focado na porta o bastante para minha mente divagar. Eu sabia que aquilo não era pra valer, estava cansado e ficar olhando fixamente pela mira da carabina M14 era chato.

Em seguida, Mary gritou e houve um barulho no andar de cima.

— Aquela não foi uma missão de verdade — lembrei a Mary. — Eu não teria saído de posição se fosse.

— Eu chamei e você veio correndo — disse ela. — Foi muito fofo, mas então o Jim, a Julia e o Rodney subiram as escadas e nos mataram.

— Não era de verdade. Era um exercício. Eu estava pedindo um intervalo.

— E se fosse de verdade? Você ainda teria ido correndo?

— É isso o que eu quero dizer. Só fiz aquilo porque sabia que era um exercício. Você cortou a perna. Foi bom que a Kat tenha subido as escadas para ajudar. Você deveria acreditar um pouco mais em mim.

— Mike — disse ela, dando alguns passos na minha direção —, acredito que você vai cuidar de mim sempre que eu estiver em perigo. Sei que você virá em meu resgate. Mas é o extremo oposto do que precisava fazer lá. Você precisava ficar onde estava. E, sinceramente, não acho que em uma missão de verdade seria diferente.

— Então, devo ficar feliz por você estar indo para o México com o Bruce? Vai ser mais seguro assim?

— O que você quer que eu diga, Mike? Já conversamos isso antes. Você me protege demais, isso é perigoso do ponto de vista tático.

— “Perigoso do ponto de vista tático”? — repeti, dando uma risada mal-humorada. — Parece algo que o Bruce diria.

— E daí? O Bruce é inteligente. Ele treinou o verão inteiro conosco. É experiente e viu a forma como você e eu trabalhamos juntos. E se preocupa com isso. Ele se preocupa com você.

— Está me dizendo que foi tudo ideia dele?

— Não. Por que você tocou no assunto agora? Você sabe dessa mudança há seis semanas.

Eu não sabia o que dizer.

— Sinto muito. Só não estou pronto para isso. Para deixar você.

Mary me encarou, os lábios apertados.

— Vamos nos ver em Munique. Isso é só uma pedra no caminho. Vamos ficar juntos mais uma vez.

Ela pegou a mala e seguiu em direção à porta.

— Você precisa esperar pela Barbara para pegar a passagem.

— Vou até ela.

Ela parou na porta e voltou-se para mim.

— Mike, eu gosto de você. Gosto muito de você. Nós temos uma coisa boa. Só confie em mim, está bem?

Ela virou a maçaneta e saiu.

Fiquei sozinho no quarto com o coração disparado e sentindo um enjoo súbito no estômago.

Eu queria confiar nela. Queria confiar em tudo aquilo. Mas estava cada vez mais difícil. Só queria acreditar que chegaríamos ao fim e seguiríamos em frente depois de Munique, depois de os Jogadores terem sido detidos e o Endgame, interrompido. Achava que Mary e eu talvez formássemos uma nova vida em um novo país. Em algum lugar longe da violência, dos meus crimes, da minha família, de tudo da minha vida anterior. Começaríamos de novo.

Eu queria parar o Endgame. Acreditava no que estávamos fazendo, e Mary também. Ela me fazia acreditar. Mas, assim como eu pensava que estávamos nos aproximando, ela ia me largar para trabalhar com Bruce. Porque confiava mais nele. Será que ela e Bruce...?

Era para valer? Ou ela era apenas especialista em recrutamento?

Será que ela estava dormindo comigo para que eu me comprometesse com a Linhagem Zero?

— Não, caramba! — exclamei, em voz alta.

Eu precisava confiar em Mary. Precisava tirar todos aqueles pensamentos da cabeça.

Alguém bateu na porta e, por um breve instante, ousei esperar que fosse Mary voltando, mas o pensamento desapareceu antes que eu tivesse tempo de chegar à porta e descobrir pelo olho mágico. Eu sabia que ela não estaria lá.

Eu estava com minha pistola na mão. A M1911 com que havia treinado durante todo o verão.

A pessoa do lado de fora estava virada para o corredor, de modo que não identifiquei quem era.

Com a arma na mão direita, abri a porta com a esquerda e espiei.

— Oi, Mike — disse Eugene.

Expirei.

— Oi — respondi, deixando-o entrar.

Ele havia passado muito tempo se bronzeando no verão e, com a barba por fazer, parecia capaz de passar despercebido no Oriente Médio. Eu havia feito a mesma coisa, mas de repente me senti como se pudesse ser identificado com facilidade. Eu tinha ascendência grega por parte de pai, mas não sabia muito sobre o lado da minha mãe.

Fui até a cama e coloquei a pistola de volta na mala.

— Peguei nossas passagens com a Barbara.

— Obrigado — respondi, a raiva ainda mexendo comigo.

Toda vez que via Eugene, só pensava em Tommy jogado contra a parede de concreto, com um rombo de espingarda no peito e a camiseta verde pintada de marrom-escuro.

E via o xerife e cada uma das cinco balas que eu havia disparado.

Naquele momento, Eugene parecia não ter uma única preocupação no mundo.

— A Kat e eu estamos prontos. Você e ela vão para Istambul, e eu, para Bagdá. Como queremos que os convites sejam entregues com o mínimo de diferença de tempo, vocês farão a preparação na Turquia, explodirão a bomba e logo depois irão me encontrar, estarei com os planos prontos para o Iraque.

Então eu iria viajar sozinho com Kat. Eu a achava muito legal, mas não era Mary. Havia muita coisa que eu ainda não sabia sobre Kat. Sabia que ela era enfermeira em um hospital em Oakland. Também sabia que havia terminado com um namorado antes de entrar para a Linhagem Zero. Tentou recrutá-lo, mas ele achou que não passava de um monte de baboseira. Assim como eu no começo, até Mary me convencer. Kat o abandonou em vez de virar as costas para o resto de nós. Por mais que ela parecesse alegre e vivaz por fora, devia haver uma personalidade extremamente zelosa lá dentro. Eu estava contente por tê-la para me ajudar em Istambul.

Eugene, por outro lado, era encrenca. Mesmo depois do sucesso do roubo ao banco, eu ainda duvidava da capacidade dele em providenciar os preparativos para o convite sumério. Mas, como estava aprendendo depressa naquele dia, eu não estava no controle de nada do que estava acontecendo.

Capítulo Sete

Saímos de fininho do hotel, enquanto trabalhadores colocavam lâminas de compensado no lugar das janelas quebradas. Escapamos por uma porta lateral para não passarmos pela recepção. Todos havíamos limpado os quartos a fim de não deixar qualquer prova de que estivéramos lá.

Mary também foi para o aeroporto na van, mas estava duas fileiras à frente, e não olhou para trás. Kat e Eugene estavam comigo; Barbara, no banco do carona; e todos os outros lugares da van estavam abarrotados com as bagagens. Os outros estavam espremidos nos outros três carros.

Seguimos em silêncio até o aeroporto. Bruce, que dirigia a van, parou na área de embarque e todos saímos, fazendo uma grande pilha com as malas. Em seguida, ele partiu na direção do estacionamento.

Alguns minutos depois, Eugene disse que precisava fumar e filou um cigarro de um carregador de bagagem. Cheguei perto de Mary, que estava parada sozinha, de costas para mim, esperando Bruce voltar.

— Oi — falei. — Tenha um bom voo. Boa sorte. Vejo você em Munique.

— Você também, Mike — respondeu ela.

— Mary...

Entrei na frente dela para obrigá-la a me olhar.

— Mary, eu amo você.

Peguei no meu bolso o colar de ouro com pingente de coração e o coloquei na mão dela.

Ela pareceu abatida, com os ombros caídos e o rosto indiferente.

— É lindo. Mas nós dois temos aviões para pegar. Por favor. Vamos esperar até Munique.

— Fique com ele.

Ela assentiu com a cabeça e tirou o colar da caixa. Colocou-o ao redor do pescoço e o fechou com facilidade. O coração de ouro cintilou com a luz da noite.

— É lindo — disse ela.

— Você é linda.

Ela me abraçou.

— Tome cuidado, Mike.

— Você também.
— Vejo você na Alemanha.
Então ela se virou de costas e foi embora.

*

Todo mundo da Linhagem Zero estava no aeroporto ao mesmo tempo, embora agíssemos segundo nossas histórias falsas. Kat e eu examinamos as prateleiras de uma livraria e deixamos Eugene ir antes de nós. Levei alguns minutos para pegar um exemplar da *National Geographic* e uma barra de chocolate, e deixei algumas pessoas passarem na nossa frente. Em seguida, de mãos dadas, Kat e eu caminhamos com o máximo de confiança possível até a área de segurança.

Ela era minha namorada. Nós dois frequentávamos a Universidade da Califórnia, campus de São Francisco, e estávamos tirando um semestre para conhecer o mundo e ir às Olimpíadas no final da viagem. Era uma história razoável.

Um policial não tirou os olhos de mim enquanto eu passava pela segurança. Eu estava muito ciente do olhar fixo em mim.

Fiz uma pausa mais longa do que deveria enquanto o guarda da segurança conferia minha passagem, minha mente focada no policial, que ainda me observava.

— Tudo certo — disse o guarda, com a voz cansada. — Boa viagem.

Quando passei por ele, o policial se aproximou.

— Ei — chamou ele. — Aonde você vai?

Entreguei minha passagem.

— Istambul — exclamou, parecendo surpreso. — O que há em Istambul?

— Em breve eu estarei lá — respondi, sorrindo. — Minha namorada e eu estamos indo encontrar uns amigos.

Era a história que Kat e eu havíamos combinado.

— Como vocês arranjaram amigos em Istambul? — perguntou, com a voz baixa e firme.

Eu não sabia dizer se ele estava suspeitando de mim ou não.

— Da faculdade.

— Qual faculdade?

— Berkeley — falei.

Droga. Eu não deveria ter dito isso. E se ele tivesse lido a matéria sobre mim? E se tivesse me reconhecido? Nós havíamos ensaiado tanto, e eu deveria ter dito

Universidade da Califórnia, campus de São Francisco.

— Qual é seu nome? — indagou ele.

— Ahn...

Enfiei a mão no bolso e mostrei meu passaporte.

— Frank. Frank Finn.

— Se você é de Berkeley, por que está partindo de Reno?

— Olha só, temos algum problema? Preciso fazer o *check-in*.

Ele voltou a dobrar a passagem, mas não a entregou a mim.

— Por que você está partindo de Reno?

— Eu sou daqui — respondi. — Ainda tenho algumas semanas de férias.

— De onde em Reno?

— Preciso pegar meu avião — insisti, tentando manter a voz calma.

— De onde em Reno?

— Sparks, na verdade. Perto do campo de golfe.

Eu estava inventando tudo, mas tinha a esperança de que ele, como policial de Reno, não saberia detalhes a respeito das ruas de Sparks. Na verdade, eu sequer sabia se havia um campo de golfe em Sparks.

Kat havia passado pela segurança e apareceu atrás de mim.

— Oi, Frank.

Ela segurou minha mão.

— Você está com ele? — perguntou o policial.

— Claro — respondeu ela.

— Tudo bem — disse ele, pronunciando as palavras devagar. — Escutem aqui. Eu sei por que pessoas da idade de vocês vão para o Oriente Médio. Haxixe e ópio, certo?

— Não vamos mexer com nada disso — falei, pegando minha passagem da mão do policial. — Precisamos ir... vamos nos atrasar.

Comecei a me afastar, seguindo na direção do portão de embarque.

— Mais uma pergunta.

— Sim? — perguntou Kat.

— Vocês estão viajando com mais alguém?

— Não — respondi. — Por quê?

— Não é todo dia que tem gente de Reno indo para Istambul.

Sorri e encolhi os ombros.

— Bem, não sei o que dizer.

Atrás do policial, vi outro guarda levando John para uma sala bem ao lado da fila da segurança. Será que ele havia sido reconhecido? Minha preocupação deve ter transparecido no rosto, porque o policial olhou por cima do ombro.

— Você o conhece?

— Não — respondi, rápido demais.

Acalme-se, disse a mim mesmo. *Você está sendo burro e agindo na defensiva.*

O policial semicerrou os olhos. Uma voz falou em seu rádio, e ele respondeu. Depois assentiu com a cabeça para nós.

— Podem ir, então. Tenham um bom voo.

Enquanto ele se afastava, eu me virei para Kat me sentindo ao mesmo tempo aliviado e em pânico. Kat não estava com uma cara boa.

A polícia estava em alto nível de alerta. O que aconteceria se prendessem John? Após todo aquele trabalho duro, nossa missão estaria arruinada.

Nós não havíamos discutido nada daquilo como um problema possível. Meu esquadrão tinha alternativas para o caso de fracassos. Se Kat e eu não aparecêssemos em Bagdá até determinada data, Eugene deveria tentar fazer o trabalho sozinho. Mas ninguém esperava que John falhasse. Não havia plano B para ele. O mesmo valia para Walter. Ele iria para Omaha, já que conhecia tão bem a linhagem cahokiana, e insistiu que poderia fazer o trabalho mesmo que fosse reconhecido. Dizia ser capaz de vencer as defesas deles. Que conhecia a todos.

Se John não entrasse no avião, será que eu deveria tentar encontrar outros membros da Linhagem Zero no aeroporto e perguntar se precisávamos substituí-lo? Talvez Barbara ou Douglas tivessem cópias dos dossiês.

Mas eu não sabia onde estaria Walter. Ele não iria pegar o mesmo voo de muitos de nós, já que não faria uma viagem internacional.

Peguei a mão de Kat. Chegamos ao portão em três minutos, exatamente quando a equipe da companhia aérea estava fechando a porta.

Meu assento e o de Kat eram um ao lado do outro, e vi uma parte do pessoal espalhada pelo avião. Estávamos todos fingindo não nos conhecer. Faríamos uma conexão em Atlanta, depois Kat e eu teríamos outra de 10 horas em Londres antes de seguirmos para Istambul.

Mas o avião não partiu.

Folheei, sem prestar atenção, um exemplar da *Time* que alguém havia deixado no bolso do assento à minha frente, sabendo que precisava me manter calmo. Será que estavam atrás de nós?

Não tinha para onde correr, mesmo se eu quisesse. Não ajudava o fato de que aquela ser a primeira vez em que eu viajava de avião — estava me sentindo claustrofóbico, com o coração batendo forte no peito.

Dois policiais apareceram na frente do avião.

Droga.

Eles começaram a percorrer o corredor muito devagar, olhando para todos os rostos.

Desejei não ter raspado a barba. Não me parecer com Michael Stavros teria sido de grande ajuda naquele momento.

Os policiais pararam. Eu estava nos fundos do avião, em um assento do meio. Kat estava na janela. Ela estava lendo um livro apoiado no colo, com a cabeça abaixada e os longos cabelos castanhos cobrindo as laterais do rosto. Eu sabia que Eugene estava lá na frente, mas não sabia dizer se era onde haviam parado.

— O que está acontecendo? — perguntei ao homem sentado no corredor.

— Policiais — respondeu ele. — Acha que estejam tentando sequestrar este avião?

— Quem?

— Você sabe — disse ele. — Os vermelhos tentando ir para Cuba. Estão sempre no noticiário.

— É — concordei, com um aceno de cabeça, tentando me manter calmo.

Uma comissária passou por nós, e o homem ao meu lado perguntou o que estava acontecendo.

— Não se preocupe — disse ela. — Está tudo em segurança.

Está tudo em segurança. O comentário me pareceu sinistro, embora devesse ser tranquilizador. Ela deveria ter dito alguma coisa como “Está tudo bem”. “Está tudo em segurança” queria dizer que algo não estava em segurança, mas que o problema tinha sido resolvido. Isso significava que pegaram um criminoso? Um de nós, da Linhagem Zero?

Ela nos deixou. Ele soltou um longo suspiro e tirou um maço de cigarros do bolso da camisa.

— Preciso fumar. Você viaja muito?

— Não — respondi. — Não de avião, quero dizer.

— Meu nome é Marty.

Ele estendeu a mão.

— Cigarro?

Apertei a mão dele.

— Frank. Não, obrigado.

— Lá vão eles — disse Marty.

A polícia estava tirando alguém de um assento.

— Merda — murmurei.

Era Eugene.

Será que estavam atrás de nós? Kat e eu seríamos os próximos? E o que havia acontecido com John? Ele deveria estar naquele voo, mas eu não havia passado por ele a caminho do meu assento. Não o vi sair da sala na área da segurança.

Será que ele havia sido preso?

Será que seríamos capazes de fazer tudo com Walter na liderança? Eles

trabalhavam juntos, mas era John a quem sempre procurávamos para resolver problemas. Walter era muito focado nos objetivos, sem prestar atenção às pessoas que deveriam realizar as tarefas. Não compreendia que as pessoas tinham dificuldades, que estavam confusas ou que não eram tão bem treinadas como um Boina Verde. Ele não tinha paciência para problemas. O pessoal ficaria assustado, e Walter não era um líder capaz de aplacar os medos de ninguém.

— Eu não me preocuparia — declarou Marty, falando comigo como se eu fosse uma criança. — Dizem que aviões são o meio de transporte mais seguro. Muito mais que carros.

— É — concordei. — Eu sei.

A polícia estava capturando Eugene com base em seus outros crimes? Ou aquilo tinha a ver com a loja de armas? Ou com o assalto ao banco? Meu coração estava batendo tão forte que eu tinha certeza de que os policiais ouviam.

E se pararam o avião de Mary rumo ao México?

Pelo alto-falante, o comandante avisou que partiríamos dentro de alguns minutos e se desculpou pelo atraso.

Voltei a folhear a revista, parando em uma foto de petróglifos antigos dos Anasazi, no Arizona. Eram semelhantes a formas humanas, mas com círculos ao redor das cabeças, ou chifres, ou antenas.

— Parecem alienígenas, não é? — disse Marty, dando uma risada.

— É.

— Estamos sempre falando de alienígenas e avistando OVNI's, nos perguntando se existem mesmo ou não. Imagine se eles fizeram mesmo contato com a Terra e pousaram aqui há mil anos, na época dos índios. Talvez tenham decidido que éramos primitivos e foram embora pensando que éramos só moradores de ocas e que não valia a pena perder tempo conosco.

Forcei uma risada. Ele não fazia ideia do que estava acontecendo. Ninguém fazia. Ele não fazia ideia de que tentaríamos impedir que os alienígenas destruíssem o mundo.

A polícia foi embora e, um instante depois, John entrou no avião, com um sorriso aberto e sem olhar para ninguém em especial. Ele se sentou, e a comissária fechou a porta.

Não fora preso. Senti o alívio tomar conta do meu corpo. Havíamos perdido Eugene, mas pelo menos tínhamos um líder. Os motores rugiram baixo, e o avião começou a taxiar, se afastando do terminal.

Capítulo Oito

— Que comida horrorosa — disse Kat, olhando com desprezo para o sanduíche de presunto nas mãos. — Até as batatas chips não têm gosto de nada.

Estávamos no aeroporto de Atlanta para uma conexão de três horas, esperando o voo. Vários integrantes da Linhagem Zero aguardavam o mesmo avião — Londres era um centro que levaria muitos de nós aos destinos finais. Mas, fora Kat e eu, ninguém mais deveria se conhecer e, depois do problema no aeroporto de Reno, todos sentimos que deveríamos ter o cuidado de nos manter fiéis às histórias falsas. Assim, eu só podia conversar com Kat.

Comi o sanduíche ressecado e insípido que havia comprado em um restaurante do aeroporto. De onde eu estava, via que Rodney também tinha comprado um, mas nem o tocou. Ele tinha sido dono de uma delicatessen, então aquela comida pronta devia parecer horrível.

O voo dele foi chamado antes do nosso.

Kat estava lendo um livro. Cogitei se devia questioná-la quanto ao que fazer já que não tínhamos mais Eugene. Quando estava prestes a fazer isso, John apareceu ao meu lado e se sentou.

Ele cruzou as pernas e se recostou na cadeira.

— Já estive em Atlanta antes?

Gaguejei por um instante. Eu estava a quatro assentos de outro viajante, perto o suficiente para não falarmos de nada importante.

— Não. É úmido aqui. Quando saí do avião, parecia que estava entrando em uma lavanderia.

— É mesmo. E aqui não é nada em comparação com lá fora.

Eu havia comprado um *The New York Times* e um exemplar de *O teste do ácido do refresco elétrico*, de Tom Wolfe. Não parecia meu tipo de livro, mas John o recomendara algumas semanas antes. Estava em meu colo.

— É bom? — perguntou ele, apontando para o livro.

— Ainda não comecei — respondi.

— Está faltando um personagem importante.

— É — falei, lenta e casualmente. — Imagino como será sem ele.

— O enredo ainda é consistente. Você vai ficar surpreso como tudo acabará dando certo.

— Como você sabe?

— Estudei esse livro o verão inteiro. Tem dois grandes personagens que funcionam bem juntos.

Fiz que sim com a cabeça.

— Espero que esteja certo.

— Claro que estou. Imagino que esta edição tenha todas as notas? Os detalhes?

— É — respondi. — Acho que sim.

Eu tinha cópias de todos os planos de Bagdá — o lugar onde deveríamos pegar as bombas contrabandeadas, a termita e as armas.

Ele baixou o tom de voz.

— Precisa que eu mande uma terceira pessoa?

— Quem?

— Poderia ser a Julia. Ou o Rodney.

Pensei por alguns segundos. Folheei as páginas do livro, então o fechei novamente.

— Não, vamos ficar bem.

— Tudo bem. Que bom. Não se preocupe. Sei que está chateado por causa da Mary. Mas não deixe isso ferrar com sua cabeça. Ela estará esperando por você.

— Tudo bem.

— A gente se vê. Cuide-se.

Não assenti com a cabeça, apenas fiquei olhando fixamente para a frente.

— Tudo bem.

*

Comecei a ler o livro no 747 e caí no sono. Só acordei no meio da noite em Londres.

Não sabia quanto aos outros, mas suspirei aliviado por estar em solo estrangeiro. Não havia policiais americanos com que me preocupar por causa do assalto ao banco, do protesto em Berkeley ou da loja de armas. E, como não havia policiais esperando por mim no aeroporto, deduzi que Eugene não havia nos dedurado. Não que fosse fazer isso, mas minha mente estava vagando por caminhos catastróficos.

Olhei meu relógio. Estava marcando o horário da Califórnia. Calculei duas horas a mais e tentei visualizar onde Mary se encontrava e o que estaria fazendo. Devia estar dormindo. Ou acordada até mais tarde, bebendo com Bruce. Ou

talvez... não. Eu precisava parar de imaginar o pior.

Durante a escala de 10 horas em Londres, Kat e eu nos aventuramos fora do aeroporto. Eu nunca havia saído dos Estados Unidos. Claro que não havia nada aberto, já que era de madrugada. Depois de trocarmos um pouco de dinheiro, pegamos um táxi até a cidade e pedimos ao motorista que nos deixasse no Big Ben. Eu não sabia onde ficavam os pontos turísticos, mas encontramos a Abadia de Westminster e seguimos as placas até o Palácio de Buckingham.

Olhando através dos portões, eu me perguntei no que havia me metido. Eu tinha dezenove anos, abandonara a faculdade e estava parado na frente do Palácio de Buckingham enquanto esperava um voo para Istambul, onde plantaria uma bomba. Eu ia matar gente. Walter tinha dito que não era necessário que pessoas morressem em um Chamado, mas que talvez acontecesse. Se as coisas não dessem certo, eu morreria, Kat morreria e talvez muito mais gente. Eugene poderia muito bem ser o único a sair vivo dessa.

Não, não era verdade. Se fracassássemos, o mundo inteiro encararia o apocalipse. Minha morte seria terrivelmente insignificante.

Seria o povo do Jogador sobrevivente que sobreviveria, o que tornava minha missão quase risível. Walter supunha que talvez eu fizesse parte da linhagem minoica — a qual eu impediria. Se algum dos outros esquadrões falhasse nas missões ou em Munique, eu teria assinado minha própria sentença de morte.

Com isso em mente me juntei a Kat no passeio pelas ruas de Londres, seguindo por uma rua comprida ladeada por árvores, e, quando o sol nasceu, estávamos em Trafalgar Square. Tomei café da manhã em um pub de uma rua lateral — o café da manhã inglês completo: salsicha, ovos, feijão, linguiça de sangue, tomates fritos e torradas. Eu não sabia o que era morcela, mas era bom. Não era fã de chá, mas Kat insistiu para que eu tomasse, e a xícara que trouxeram com a refeição estava quente e satisfatória.

Voltamos ao aeroporto, e eu quebrei as regras. Escrevi tudo nas últimas páginas do livro. Tudo. Comecei descrevendo o Chamado da melhor maneira que pude, listando todas as linhagens: minoica, shang, cahokiana, axumita, suméria, harappaneana e assim por diante. Anotei onde essas linhagens poderiam ser encontradas. Esqueci as cidades em que algumas delas viviam, mas afunilei as outras o máximo que pude: algumas ganharam um nome de cidade e outras, uma cidade e uma rua. Coloquei os endereços específicos das linhagens minoica e suméria. E então escrevi a respeito dos alienígenas. Tudo o que eu sabia. Tudo o que John e Walter disseram. Todas as discussões que tivemos ao redor da fogueira durante todo o verão, todas as anomalias históricas esquisitas sobre as quais John pregou: as pirâmides, os artefatos maias, as linhas de Nazca, o mapa de Piri Reis, os Annunaki. Escrevi como fui recrutado, como Walter soube de

tudo, como vivemos e treinamos na fazenda de Mary. Falei sobre o meteoro — o fato de que ele passou voando pela atmosfera sem sofrer estragos, quase caiu na Terra e estilhaçou as janelas com uma explosão sônica. Escrevi sobre Mary.

Como não sabia como encerrar o último assunto, abandonei a página no meio de uma frase.

Confessei o assalto à loja de armas, a morte do xerife, o incêndio da loja. Escrevi sobre Tommy. Sobre o banco. Saiu tudo de uma vez, um manifesto sobre a Linhagem Zero.

E deixei um parágrafo de alerta, dizendo que aquelas 12 linhagens antigas precisavam acabar, que precisávamos aprisionar os Jogadores ou matá-los, caso fosse necessário, se quiséssemos ter uma chance como espécie. Não éramos um jogo criado por alienígenas. Éramos um planeta cheio de pessoas boas. A Linhagem Zero não tinha a intenção de matar apenas por matar. Estávamos salvando o mundo.

— O que é isso? — perguntou Kat, olhando por cima do meu ombro.

— Tudo — respondi. — Caso dê tudo errado. Alguém precisa seguir nossos passos.

— Isso é seguro?

— Alguma coisa do que estamos fazendo é segura?

— Eu me preocupo com você, Mike.

— Não vou ferrar nossas missões.

— Não foi o que eu quis dizer — falou ela. — Tenho medo que você não saia dessa. Não quero que isso aconteça.

Estendi o braço, segurei a mão dela e apertei.

— Nós vamos ficar bem. Você e eu.

Perto da esteira de bagagem, encontrei um armário. Usei algumas moedas para abri-lo e deixar o livro. Coloquei a chave, marcada com o número do armário e a palavra HEATHROW, no bolso da calça.

Oito horas depois, estava esperando para pegar minha mala no aeroporto de Yeşilköy com Kat ao meu lado. Estávamos ali juntos, como namorados.

Havia uma cacofonia ao redor, mas a ignoramos e ficamos esperando a mala grande, marrom e de laterais rígidas deslizar na nossa direção. Alguns instantes depois, um sujeito corpulento largou a malinha azul de Kat na esteira inclinada.

Saí do aeroporto levando a mala grande e minha mochila. Estava quente sob o sol turco, e úmido, ainda por cima. Kat logo chamou um táxi na rua. Um carro parou na nossa frente, e o motorista saltou para colocar nossa bagagem no porta-malas.

Capítulo Nove

A casa minoica não era uma casa. Era um complexo. Todos os prédios em Istambul ficavam amontoados e, para chegar lá era preciso percorrer um beco de cerca de vinte jardas e virar à esquerda em um estacionamento. Uma porta estreita de metal se abria para a sede e, pelo que observamos durante uma missão de reconhecimento, não dava para saber se a porta dava para um edifício ou um pátio.

Estávamos em Istambul fazia uma semana e tínhamos apenas mais cinco dias para descobrir a melhor maneira de acionar a bomba. Até ali, a viagem vinha sendo cuidadosa e lenta: alugamos um caminhão, descobrimos onde os minoicos estavam e traçamos três rotas diferentes entre a sede e o hotel (que propositalmente ficava do outro lado da cidade). Visitamos o mercado de peixes e alguns pontos turísticos, para o caso de alguém estar nos seguindo.

A missão de reconhecimento consistia em nós dois segurando um mapa e percorrendo o beco, discutindo sobre onde estávamos e qual caminho precisávamos seguir para chegar à Basílica de Santa Sofia e à Mesquita Azul.

Colaborando com nossa história falsa, vestíamos roupas ocidentais comuns — calça jeans e camiseta para mim, vestido longo para Kat.

Descobrimos que a Turquia era uma mistura de influências do Oriente Médio e da Europa. Muitos dos homens também vestiam jeans — e mesmo algumas das mulheres. Em alguns sentidos, não era muito diferente de Londres.

Quando terminamos de examinar o complexo, fomos a um café com mesas do lado de fora, em uma rua movimentada, a cerca de meia milha da sede. Pedi quatro pratos de *mezes* — um tipo de aperitivo de que havíamos gostado muito desde nossa chegada.

— Vai ser difícil — disse Kat. — Não sabemos o que há do outro lado daquela parede. Pode ser um pátio ou um telhado. Qual o tempo de definição mesmo?

Olhei para o relógio, fazendo as contas para calcular a hora local em relação ao horário da Califórnia.

— Duas da manhã. Estaremos protegidos pela escuridão. Bem mais fácil.

— Não acho — discordou Kat. — Acho que estão sempre vigiando o lugar. Aposto que tem gente de olho naquele beco vinte e quatro horas por dia. Você

não teve essa impressão, Mike? Eu sentia que estávamos sendo observados.

— É — respondi. — Só estou dizendo que será mais fácil no escuro.

— A menos que eles tenham mais guardas à noite.

Dei uma mordida em algo chamado *borek*, que parecia um primo salgado da *baklava*.

— Você ainda acha que esses caras sabem do meteoro?

— Tenho certeza — disse Kat. — Olhe lá.

Ela apontou para uma banca de jornal.

— Tem um jornal inglês com notícias dos Estados Unidos. E, pelo que a Agatha disse, todos os Jogadores prestam atenção a sinais astronômicos, para o caso de representarem os alienígenas. Eles devem saber a respeito e estar esperando por um convite para ver se foi o verdadeiro sinal do Chamado.

— E se aquele meteoro foi mesmo um sinal e eles vão receber um convite de verdade? E se já tiverem recebido?

Ela franziu o cenho.

— Precisamos Jogar como se este fosse o convite. Precisamos nos ater ao plano. Se eles já estão em algum lugar do planeta em busca de pistas, estamos ferrados, mas não temos como saber. Quer dizer, nós sequer sabemos quem na sede é o Jogador. Ou se ele está lá.

Eu sorri.

— Você usou a frase “nós precisamos Jogar”, como se fôssemos parte do jogo.

Ela esfregou a ponte do nariz.

— Estou ficando cansada.

Ela pegou uma fatia de *pide*, uma espécie de pizza retangular coberta com queijo, ovo e carne picada.

— Qual é o tamanho da bomba? Digo, a potência. Qual o tamanho da explosão? — perguntei, baixinho.

A rua movimentada sobrepujava nossa conversa, e eu me senti confortável para falar abertamente. Não havia ninguém nas mesas além de nós.

— O Bakr disse que era grande — respondeu Kat. — Ele disse que precisamos estar a pelo menos 500 jardas de distância quando ela for detonada.

— É — concordei. — A coisa toda pesa umas cinco ou seis libras, e eu ouvi dizer que uma libra é bastante. Tipo, um carro-bomba usa metade de uma libra.

Deveríamos buscar a bomba no dia seguinte. Os contatos de Bakr tinham enviado os explosivos plásticos para um mercado de peixes no Estreito de Bósforo. O detonador já estava na mala — todo incorporado em um rádio relógio que funcionava com perfeição.

— Então, não precisamos nos preocupar tanto em relação ao local onde vamos colocá-la, se de um ou do outro lado da parede — falei. — Se a colocarmos

naquele pequeno estacionamento, vai explodir todos os carros e derrubar as paredes dos três lados, entende?

Ela encolheu os ombros.

— Acho que sim.

— Nesse caso, será que precisamos sequer ir até o estacionamento? Podemos colocar no beco, na parede da sede.

Kat fez que sim com a cabeça em um gesto enfático.

— É. É, acho que é uma boa ideia. Não estamos tentando matar ninguém. Só queremos deixar um convite.

— Por falar nisso... — comentei, mastigando um pedaço de *kafta*, uma mistura de salsicha e almôndega. Continuei depois de engolir. — E a termita... e se nós a colocarmos em uma parede e a bomba destruir a parede?

— Treinamos essa situação várias vezes. Acendemos o pavio na lona da termita ao mesmo tempo que instalamos a bomba. Se o prendermos direito, deve queimar a parede antes de a bomba explodir.

— Dá para usar explosões para impedir que as coisas queimem — falei. — Já viu *Heróis do Inferno*? É um filme em que John Wayne combate incêndios em poços de petróleo. Ele explode uma bomba ao lado do fogo, e ela suga todo o oxigênio e apaga o fogo.

— A termita fornece o próprio oxigênio. Pode queimar embaixo d'água.

— É mesmo?

— Vamos ficar bem — disse ela. — O Bakr sabe do que está falando.

— Então onde vamos deixá-la? — perguntei. — Queria deixar tudo junto.

— Mas como conduziríamos o Jogador para Munique? — indagou Kat. — Espere. Não vamos sequer deixá-la ao lado da sede. Não vamos sequer colocar no mesmo dia. Nós colocamos a termita no beco, pelo qual todos precisam passar, para que o vejam, achem que é um aviso e, no dia seguinte, plantamos a bomba.

— Acha que isso contraria nosso plano? — perguntei. — As outras equipes podem estar usando as sinalizações de termita junto com a bomba. Será que isso dará aos minoicos uma vantagem?

— A única vantagem é que podem ir para Munique um dia antes, mas isso não é um problema, porque nem todas as bombas serão detonadas ao redor do mundo ao mesmo tempo. Ainda precisaremos fazer essa bagunça de novo em Bagdá.

Ela mastigou um pedaço de *kafta*.

— Mas, pelo que Walter disse, eles estão esperando a grande explosão. Estão esperando algo consistente.

Olhei para a tela da TV no café. Passava uma reportagem sobre as Olimpíadas. Devia ser um tipo de prévia, já que os jogos só começariam em

alguns dias.

— Eu sempre quis ir para as Olimpíadas — disse Kat, apontando para a TV com o garfo. — Mas não assim.

Eu me virei para a TV.

— Se tudo correr conforme o planejado, talvez a gente assista a um ou dois eventos.

— Depois de talvez termos matado uma porção de adolescentes? — retrucou ela, se virando para me encarar. — Não acho que eu vá aproveitar.

— Eu conferi a programação — contei. — Nenhuma medalha será entregue no dia cinco de setembro. Vai ser um dia calmo, e acho que isso é bom para nós. Vai ter muita gente na praça olímpica. Vamos nos misturar, e ninguém precisa esperar por nada.

— A menos que as conversas não funcionem e precisemos emboscá-los. Segundo o plano alternativo, deve haver seis atiradores posicionados para eliminar os Jogadores. Como vamos esconder os rifles?

— Há uma competição de tiro ao alvo nas Olimpíadas — falei. — É só mantermos as armas guardadas e agir com autoconfiança. Ninguém desconfiará de nada.

— Então, devemos parecer atletas? — perguntou Kat.

— Claro. Como são os atletas de tiro ao alvo? Nem precisamos estar em forma.

Ela levantou uma das sobrancelhas.

— Eu não estava me referindo a você — comentei, dando uma risada constrangida. — Você está em forma... quer dizer, em ótima forma. Eu estava me referindo a pessoas como o Walter, com certo excesso de volume na barriga. Por falar nisso, o que há neste *pide*? Está fantástico.

Dei mais uma mordida e engoli.

De fato, Kat estava em forma. Ela era linda, e qualquer cara seria sortudo de passar umas férias falsas com ela em uma cidade exótica, a milhares de quilômetros da vida real.

Mas Mary estava sempre na minha cabeça. E Bruce. E os dois juntos.

Mudamos de assunto — o trânsito maluco à frente, que parecia tão desorganizado; a comida; a arquitetura, que era tão exótica e magnífica. A pedido de Kat, paramos na Basílica de Santa Sofia no caminho de volta ao hotel. Era incrível: um prédio imenso com um domo grandioso no centro, cercado por quatro minaretes. Havia sido uma igreja cristã, depois uma catedral, e aí uma mesquita — cada conquistador reconhecia sua beleza e não queria destruí-la, por isso apenas a remodelava conforme a própria religião.

Lá, ouvimos o chamado para a oração islâmica ecoando dos vários minaretes

ao mesmo tempo. Ficamos parados em silêncio e escutamos.

Embora a Basílica não fosse mais um prédio religioso — havia se tornado um museu em 1935 —, eu me sentei e rezei em silêncio. Não era um homem de rezar e nunca fui, de modo que, para mim, falar com Deus combinava mais com um museu cheio turistas que com uma igreja. Mas abri meu coração. Eu sabia o que íamos fazer, sabia da probabilidade de pessoas morrerem. E sabia quantas pessoas morreriam se eu não levasse a cabo nossos planos.

Se a humanidade era só a criação de alienígenas, então Deus não existia? Afastei o pensamento da mente e me concentrei na oração.

Mas, mesmo ali, equipado com armas, o C4 e a termita, eu estava começando a temer que tudo aquilo fosse uma mentira. Eu confiava em Mary muito mais do que jamais confiara em John, Walter, Kat ou Bruce, mas me perguntei se Mary havia sofrido lavagem cerebral. Será que *eu* tinha sofrido lavagem cerebral? Eu não espreeitei por cima do muro da sede, mas sabia que ela abrigava muito mais gente do que apenas o Jogador que procurávamos. Tínhamos uma bomba com cinco ou seis libras de C4, e a explosão seria grande. Será que mataria pessoas inocentes? Crianças?

Será que eu poderia desistir àquela altura? Kat não levaria o plano adiante sem mim se eu fugisse, certo?

Eu iria embora, e os minoicos sobreviveriam. Assim como os sumérios.

Mas ela poderia fazer tudo sozinha. Seria fácil, a menos que fosse vista, e ela era esperta demais para ser vista. Poderia entrar naquele estacionamento e deixar a termita sem a ajuda de ninguém.

Diante da Basílica de Santa Sofia, demos as mãos e caminhamos de forma casual. Kat estava com a câmera pendurada no pescoço.

Um homem se aproximou — estávamos cercados de turistas, e ele obviamente queria uns trocados.

— *Ben bir fotoğraf alabilir miyim?* — perguntou ele.

Achava que Kat e eu havíamos aprendido o básico de turco, mas ambos o encaramos sem entender.

Ele fez um sinal com os indicadores e polegares.

— *Fotoğraf?*

— Ah — respondeu Kat. — Sim. *Fotoğraf. Evet lütfen.*

Ela entregou a câmera, e nós nos aproximamos um do outro. Ele tirou uma fotografia.

— Mais uma — disse ela. — *Bir tane daha.*

Kat me olhou.

— Bem, deveríamos estar de férias.

E, antes que eu pudesse falar alguma coisa, ela me beijou.

E eu a beijei de volta. Porque Mary estava do outro lado do mundo. Porque ela estava com Bruce. Porque Kat era maravilhosa. Porque nós dois poderíamos morrer em breve. Porque, porque, porque...

*

Kat decidiu voltar para o hotel, e eu disse que iria depois. Fui até um café que ficava perto da sede. Sentei do lado de fora enquanto o sol se punha, comendo *baklava* e observando o movimento. Comi mais duas porções de *baklava* e um prato de *mezes*. Reconheci dois deles — *hummus* e *falafel*, que haviam chegado ao sul da Califórnia. Mas também havia *afelia*, *stifado* e queijo *halloumi*; todos ainda pareciam exóticos.

Um grande Mercedes preto saiu do beco, seguindo para o norte. Ninguém no carro olhou para mim, mas por que olhariam? E, além do mais, será que as linhagens viviam com medo de que alguém atacasse suas casas? Será que os Jogadores declaravam guerra contra outros Jogadores? Nada que Walter, John ou Agatha dissessem indicava isso.

Imaginei o que Mary estaria fazendo naquele momento. Olhei o relógio. Era pouco mais de meio-dia na Califórnia, o que significava duas da tarde em Veracruz. Será que já haviam encontrado a casa? Tinha certeza de que sim. Walter sabia muito sobre aquela. Não era sequer um complexo como aquele em Istambul. Era só uma casa. Sofisticada, é claro, mas apenas uma casa. Walter inclusive contou ao esquadrão o nome do alvo deles.

Nossa única orientação era de que o Jogador turco era um adolescente alguns anos mais novo que eu.

Comi o último pedaço de *baklava*, paguei a conta e fui embora. Atravessei a rua, seguindo na direção do beco e da sede.

Havia um estacionamento para apenas três ou quatro carros. A entrada ficava na face norte, e a porta era apenas um pedaço liso de metal. Os carros eram bastante requintados: um Alfa Romeo e um Bentley. Estava escuro, e eu entrei naquela pequena área. Devia medir 50 pés por 30. Nas faces oeste e sul, havia as paredes de um edifício de pedra com três andares. Eu esperava encontrar uma moita de ervas daninhas no canto ou em algum lugar onde desse para esconder a bomba do tamanho de uma caixa de sapato, mas não havia nada. Se tivéssemos a garantia de que os carros não sairiam do lugar, poderíamos deixar a bomba embaixo de um deles, mas era difícil ter certeza.

A casa do Jogador era baixa. Eu não via nada por cima do muro. Olhei para o

leste, na direção do beco. Vi outra construção de pedra, mas com janelas. Voltei à rua a fim de olhar para a frente do prédio. Havia um portão de metal na frente da porta de madeira. Tentei abrir e sorri. Não estava trancado — a trava parecia quebrada. Pintadas acima da porta, estavam as palavras TOPTAN SATIŞ YERİ. Tentei girar a maçaneta, mas, embora a porta parecesse frágil, estava trancada.

Fechei o portão e corri de volta para o café do outro lado da rua. O garçom que me atendeu estava empilhando as cadeiras do lado de fora e guardando-as na loja para encerrar o expediente.

— Com licença — falei.

Sabia que ele falava um pouco de inglês, mas não muito.

— Olá — disse ele, virando-se para mim com uma cadeira nas mãos.

— O que quer dizer aquela placa? — perguntei. — A tradução.

— *Toptan satış yeri*? — indagou.

Fiz que sim com a cabeça.

— É uma... casa. Para coisas. Para colocar coisas dentro.

— Uma fábrica?

— Não, não fábrica. É...

Ele largou a cadeira e pôs as mãos na cintura.

— ... uma casa para colocar coisas dentro.

— Um depósito?

— Sim! Depósito.

Apontei para o prédio do outro lado do beco, o de três andares que ficava ao sul do estacionamento.

— O que é aquilo?

— Escritório — disse ele. — Fechado.

— Ninguém trabalha lá?

— Escritório — repetiu. — Sem pessoas.

Capítulo Dez

Cheguei ao mercado de peixes às quatro da manhã. Usava o tradicional *thawb* preto, uma camisa de mangas compridas que ia até abaixo dos joelhos. Kat estava na caminhonete alugada, esperando que eu saísse da multidão formada quase toda por homens: pescadores, vendedores, comerciantes e donos de restaurantes.

Eu me senti deslocado naquela multidão frenética que falava rápido demais. Ao redor havia muita gritaria, fosse de discussões ou de negociações. Não era um lugar para ser tímido, mas eu não teria como me impor sem conhecer melhor o idioma. Por isso, fiquei no meio dos corredores de braços cruzados, como se estivesse analisando os peixes, olhando para os peixeiros que mostravam seus produtos de primeira, mas sem falar com nenhum deles.

O homem que eu deveria encontrar estaria usando um *taqiyah*, um tipo de gorro redondo, vermelho. Parecia um *fez* pequeno e achatado, com um nó e uma borla. E, para o caso de mais alguém estar com algo parecido, ele usaria também um colar de ouro comprido com um grande pingente redondo, verde e preto, com inscrições em árabe. Lee e Lin tinham me mostrado uma foto do colar, e eu memorizei o símbolo.

Enquanto percorria os corredores, minha mente se voltou mais uma vez para Mary. E para Kat. Naquele momento, tanto minha cabeça quanto meu coração me disseram que eu deveria pensar em Kat, não em Mary. Quando eu pensava em Mary, pensava em traição, ciúme e Bruce — mesmo que fosse apenas paranoia. Quando pensava em Kat, lembrava que ela havia se oferecido para integrar minha equipe todas aquelas semanas — meses — atrás. Éramos uma equipe. Pensávamos de forma parecida. Trabalhávamos muito bem juntos. Terminávamos as frases um do outro, e até os pensamentos.

Eu via o Bósforo logo além do mercado. Havia o cheiro de barcos de pesca — óleo, escapamento, peixe, sangue. Todos os canais acabavam se conectando. A água que eu via sair pelas portas do armazém fluía para o Mediterrâneo, o Atlântico, o mar do Caribe e para a praia onde Mary estava.

Mas era a conexão mais próxima que me ligava a ela.

Ela devia estar usando com Bruce a mesma história falsa em que Kat e eu nos apoiávamos — um casal de jovens dividindo o mesmo quarto de hotel.

E Mary pediu para nós sermos separados. Por segurança. Mas talvez tenha sido porque queria estar com Bruce.

Minha mente retomou o foco quando vi o homem. *Taqiyah* vermelho, corrente comprida com pingente verde e preto. Ele estava no final de uma fileira, pegando caixas de peixes grandes cobertos de gelo.

Parei na frente dele, e o homem largou a caixa e secou as mãos no avental.

— *Ne yapıyorsun?*

— Estou procurando por anchovas do mar Negro — falei. — Você é o Salomão?

Ele me olhou sem demonstrar que tinha entendido.

— Não tem anchovas. Torik.

Era o que deveria responder, mas estava tranquilo demais. Eu me perguntei quantas vezes ele já devia ter contrabandeado coisas.

— Ouvi dizer que é melhor preparar *lakerda* com anchovas — comentei.

Ele franziu a testa e fez uma careta.

— Não. *Lakerda* melhor com torik do Bósforo.

Enfiei a mão no bolso e tirei um maço pré-arrumado de liras turcas e o entreguei. Ele pegou um isopor atrás de si e o colocou na minha frente.

— Torik fresco. Alta qualidade. Você gostar.

— *Teşekkür ederim* — respondi, agradecendo.

Isso enfim arrancou um sorriso dele, em deboche pelo sotaque horrível. Ele deu um tapinha no isopor.

— Você gostar.

Peguei o isopor — era pesado — e o carreguei na direção da rua. Dois funcionários de Salomão carregaram a lona, enrolada como um tapete. Quando cheguei à caminhonete, Kat e eu colocamos o isopor na caçamba, e os dois homens atiraram a lona depois, como se fosse uma mercadoria qualquer.

Ainda era cedo, e nós percorremos uma estrada vazia até pararmos sob a sombra de algumas árvores. Descemos da cabine e fomos até o isopor.

Como esperado, estava cheio de peixes. Tiramos todos, jogando-os para o lado. Mas na metade do recipiente, coberto por anchovas e gelo, havia um fundo falso. Nele, encontramos a bomba em formato de caixa de sapato.

*

Em 28 de agosto, 1:30 a.m., nós nos vestimos inteiramente de preto, em roupas turcas que compramos no mercado, e fizemos o *check-out* do hotel. Eu havia

estacionado a caminhonete alugada duas quadras a leste da sede. Os rifles desmontados estavam na mala que antes estivera vazia. Kat levava a lona de termite — estava dobrada e era pesada. Eu não sabia do que a termite era feita — era o químico que emitia mais calor ao queimar no planeta, ou pelo menos foi o que Lee contou —, mas Lee a fizera grossa, com a esperança de que marcasse o símbolo olímpico nos pisos, nas paredes ou onde quer que cada um dos esquadrões a colocasse.

Eu tinha um pedaço de pavio — Bakr havia colocado 50 pés de pavio nas malas de todos para o caso de a situação exigir.

A bomba estava comigo. Não era pesada. Tinha cinco libras de C4, o rádio relógio e os detonadores. Parecia muito inocente. Eu sabia que aquela quantidade de C4 abriria uma boa cratera, mas não fazia ideia do que esperar. Aquilo era apenas uma caixa de sapato. Devia conter um par de mocassins, não explosivos capazes de destruir um prédio inteiro.

E levávamos as armas que havíamos escondido na bagagem. Seria difícil pegá-las em um embate, considerando as roupas enormes que vestíamos, mas, no hotel, Kat fez um corte nas roupas para que pudéssemos ter um melhor acesso às armas. Ela tinha um coldre para a Beretta. Eu enfiei a M1911 no cinto. Esperávamos não precisar delas. Havíamos observado a sede desde que chegamos à Turquia, sempre sentados no mesmo café. Nunca havia ninguém entrando ou saindo nem do depósito, nem do prédio de escritórios. As luzes nunca se acendiam à noite e ninguém jamais sequer tentara abrir as maçanetas.

Kat dirigiu-se ao depósito, e eu, ao prédio de escritórios. Fiquei parado na rua vazia e a observei empurrar a porta de madeira com o ombro — uma, duas vezes, até abri-la. Ela se virou para pegar a lona com a termite e uma caixinha de ferramentas e desapareceu no prédio, fechando o portão de ferro forjado. Eu sabia que era pesado, mas ela não pareceu ter dificuldades.

Fiquei parado diante do prédio comercial. Três carros desciam a rua, tocando música alta e costurando o caminho de um lado a outro. Tentei parecer inocente e casual quando passaram, mas foi bom serem quatro da manhã. Parado no meio da rua, vagabundeando na frente de um prédio abandonado, eu devia levantar suspeitas. Mas eles estavam preocupados demais com a corrida que estavam apostando para me notarem.

Soltei a caixa e abri a frágil porta de madeira com um chute. Lascas de madeira voaram quando o batente da porta se partiu, e a maçaneta se soltou, fazendo muito barulho ao cair no piso de cimento.

Eu esperava cheiro de mofo — do tipo que fica nas casas quando passam muito tempo desocupadas —, mas logo notei os cigarros. Eu limpei uma boa quantidade de quartos universitários para reconhecer cheiro de fumaça velha,

mas não era o caso ali. Aquilo era fumaça nova. Alguém estava fumando por perto.

Corri até a parede, me ajoelhei no concreto e larguei a caixa.

Cuidado, pensei.

A parede era a outra face do muro ao sul do estacionamento. Meu plano era explodir aquele edifício de modo que, com alguma sorte, desmoronasse na sede minoica. Com certeza destruiria os carros caros lá fora e, no mínimo, produziria uma enorme explosão impossível de ignorar. Haveria fogo e fumaça, e eles sairiam correndo da sede bem a tempo de ver a folha de termita pendurada na parede do depósito, em uma janela no terceiro andar. Kat deveria estar cuidando disso naquele momento.

Abri a caixa de sapato. Bakr havia escrito as instruções no lado de dentro da tampa, e eu acendi uma lanterna para lê-las.

Enfiei os detonadores nos tijolos de C4 e preendi as baterias ao relógio. No mesmo instante, o mostrador se acendeu e começou a fazer a contagem regressiva de quatro minutos.

— *Durmak* — disse uma voz masculina.

Ele parecia estar logo atrás de mim.

Devia estar tão escuro para ele quanto para mim. Desliguei depressa a lanterna, enfiei a mão pela roupa e deixei a pistola preparada. Devagar, me virei para encarar a voz.

Havia um vulto na escuridão, iluminado apenas pelas luzes fracas do lado de fora da porta e na rua.

— *Kırdama*.

Se a escuridão nos escondia tão bem como eu imaginava, o homem não veria minha mão sacando a arma.

— Eu não falo turco — aleguei.

Houve uma pausa.

— Americano?

— Sim — respondi.

Estava tentando ganhar tempo, mas não sabia o que ele esperava que eu fizesse. Comecei a me levantar.

— *Kırdama!* — gritou ele. — Não... Fique parado, por favor.

— Olha — comecei, — isto é um engano. Achei que o prédio estivesse vazio. Eu não esperava que você estivesse aqui. Foi só um engano.

Estava falando rápido, sem esperar que o turco traduzisse e compreendesse o que eu dizia. Era uma distração. Mas para quê? Eu precisava de um plano.

— Foi um engano — repeti. — Eu não esperava que tivesse alguém aqui. Não que faça muita diferença, eu acho. Não toquei em nada.

— *Durmak!*

— Não sei o que isso significa — falei, mantendo a voz o mais calma possível.

Eu precisava fazer alguma coisa. Respirei fundo e acendi a lanterna, apontando-a para o rosto do homem enquanto tirava a arma de baixo da roupa. Ele apertou os olhos com a luz, e ressoou um estouro forte. Por um instante, achei que eu tivesse levado um tiro. Mas, enquanto esperava a dor começar, o turco caiu no chão.

— Merda — disse Kat, de pé na porta aberta, enquanto abaixava a pistola, a voz vacilante.

Ela havia acabado de matar um homem.

— Lá se vai o elemento surpresa. A bomba está armada?

— Está — respondi.

Levantei a tampa, e as luzes vermelhas do cronômetro brilharam diante de mim.

— Três minutos, quinze segundos. Terminou sua parte?

— Não — respondeu ela. — Eu vi o cara seguindo você até aqui. Este prédio faz parte da sede?

— Acho que sim. Precisamos nos apressar!

Ela saiu rapidamente e eu a segui, correndo pela rua até o depósito. A porta estava entreaberta, e nós nos abaixamos para entrar, torcendo para que aquele prédio não fosse outra parte da sede e nem estivesse sob vigilância. Não parecia estar. Havia fileiras e fileiras de caixas empilhadas até o teto. Havia um elevador de carga, mas Kat não quis esperar. Ela correu até a escada no canto e subiu os degraus, de dois em dois ou três em três, até chegar ao último andar. Eu estava apenas um passo atrás dela no caminho até as janelas.

Ela parou diante de uma janela aberta.

— Este prédio pode vir abaixo na explosão — constatei.

— Eu sei — disse ela. — Mas não temos escolha. Se isso acontecer, estamos ferrados.

Kat estendeu a mão até a janela, com pregos entre os lábios. Segurei o tecido pesado enquanto ela o pregava. Eu sentia cada segundo, como se o cronômetro me desse choques elétricos ao longo da contagem regressiva.

Ao martelar o último prego, ela falou:

— Se não escutaram o tiro, vão ouvir este martelo.

— Eu não percebi nenhum alarme.

Olhando pela janela, vi o interior da sede. Atrás do muro havia uma casa térrea baixa e ampla. As luzes não estavam acesas.

Conferi o relógio usando a lanterna.

— Vamos todos ouvir muita coisa em mais ou menos sessenta segundos. Você estendeu o pavio?

— Ainda não — disse ela, batendo na própria testa por ter esquecido.

Revirou a bolsa atrás do rolo.

— Quarenta e cinco segundos — avisei.

— Aqui — respondeu ela, unindo a ponta do pavio longo no outro de um dois pés que Lee havia instalado na termita.

— Vinte e cinco segundos. Vamos lá — pedi, e Kat começou a desenrolar o pavio enquanto recuávamos na direção da escada. — Dez — alertei, e parei de olhar para o relógio. — Acenda.

Ela pegou um fósforo e o riscou na parede.

Mas antes que ela o acendesse, houve um barulho tremendo, e o prédio sacudiu, derrubando nós dois escada abaixo até o segundo andar. Tudo ficou branco, depois preto.

*

Kat estava sobre mim, me olhando no rosto e apontando a lanterna para meus olhos.

— O que aconteceu?

— Você está bem? — perguntou ela.

— Acho que sim.

— Então vamos dar o fora daqui. Você deve estar com uma concussão. O tombo foi bem feio.

Eu não enxergava direito. Passei o braço pelos ombros dela, que me segurou pela cintura.

— Que horas são? — perguntei.

Parecia que eu estava acordando de um sono profundo.

— Você apagou só por alguns segundos — contou ela.

— O que aconteceu?

Ela me ajudou a caminhar. Senti algo molhado no rosto enquanto descíamos o último lanço de escadas.

— Estou sangrando.

— Não é nada muito sério. Vamos logo para a caminhonete.

Saímos do prédio sem problemas e descobrimos que a rua estava coberta de poeira. Kat me segurava pela cintura, mas me afastei e fui cambaleando, confuso, na direção do prédio desmoronado. Era difícil enxergar por causa de

toda a poeira branca, mas o prédio de escritórios estava no chão. Os três carros de luxo do lado de fora da sede minoica — o Mercedes, o Alfa Romeo e o Bentley — haviam se transformado em pilhas de aço retorcido. O muro com a porta da sede não existia mais, revelando a casa. Meia dúzia de pessoas havia saído de lá, zozos e sonolentos.

Mas havia um fogo brilhante na parede a leste — a termita estava queimando. Kat devia ter acendido o pavio enquanto eu estava inconsciente. Naquele momento, parecia apenas um espiral, mas, quando o fogo apagassem, o logo das Olimpíadas de Munique ficaria evidente. Eu me virei, firme como gelatina.

Kat tirou um lenço do bolso e fez com que eu o pressionasse contra o corte na minha cabeça.

— E você? — perguntei. — Está bem? Você também caiu.

— Estou ótima — respondeu ela. — Vou estar cheia de hematomas amanhã, mas agora estou ótima. Meio que aterrissei em você. Desculpa.

— Estou bem.

— Precisamos encontrar um pronto-socorro — disse ela.

— Eu vou ficar ótimo.

— Mas não parece — retrucou ela. — A polícia com certeza vai interrogar um estrangeiro andando pela estação de trem com um curativo na cabeça feito em casa. Precisamos parecer pessoas comuns.

Assenti com a cabeça enquanto cambaleávamos até a caminhonete.

— Vamos comprar esparadrapo e gaze em uma farmácia. Não queremos ninguém prestando muita atenção no meu rosto.

Ela fez uma pausa, segurando o ferimento.

— É. Não deve ser nada grave. É um ferimento na cabeça, costuma sangrar muito. Se começar a se sentir pior, levo você ao hospital. Por enquanto, vamos para a estação de trem. Teremos tempo para descansar no trem antes de repetir o esquema em Bagdá.

Dois carros de polícia passaram voando, mas ninguém olhou para nós. Estávamos a apenas uma quadra e meia da explosão — quase chegando na caminhonete —, mas eles não pararam para se preocupar conosco. Talvez aparecêssemos em um relatório de polícia ou algum depoimento de testemunhas mais tarde. Mas havia tanta confusão e poeira que ninguém poderia ter certeza do que viu. E até lá, estaríamos longe dali.

A caminhonete estava exatamente onde eu a havia deixado. Entrei nela e recostei na porta fechada. No caminho, Kat estendia a mão com frequência para ver como estava o ferimento e conferir se eu estava dormindo ou não.

Paramos em uma farmácia vinte e quatro horas, e ela entrou para comprar o material para o curativo. Havia sirenes soando em todas as direções, mas

estavam distantes. Eu me abaixei mesmo assim.

— Você está bem? — perguntou Kat quando voltou para a caminhonete.

— Vou ficar ótimo. Só preciso me deitar.

Ela começou a dirigir, e eu queria reclinar o banco e dormir. Mas ela me obrigou a manter a pressão no corte na cabeça. Por fim, chegamos na estação de trem, e ela parou no estacionamento. Disse que não ia doer e foi tratar meu ferimento, então passou 10 minutos me torturando — esfregando a ferida com gaze e álcool. Ela disse que o machucado estava cheio de poeira e detritos da explosão, que precisava tirar tudo e que em condições normais algo assim era feito com uma escova de dentes, o que pareceu terrível. Finalmente, cortou um curativo para tapar o corte. Depois de limpo, dava para ver que não era tão grande — cerca de duas polegadas e meia de comprimento —, e o sangramento quase havia parado.

Ela me disse para segurar o curativo enquanto ela pegava o esparadrapo.

— Sabe, não fizemos planos para depois de Munique — disse ela. — Todos devem se espalhar. Mas não compramos as passagens. Alguns têm dinheiro escondido. Nem todos contribuíram com as economias todas. Eu guardei um pouco de dinheiro, só umas centenas de dólares. Mas nós não temos nenhum plano de verdade. Talvez você e a Mary possam encontrar um lugar para morar onde ninguém vá encontrá-los. Somos todos criminosos agora. Precisamos ir para a clandestinidade. Eu posso voltar para minha vida, mas todo mundo irá me perguntar por onde andei nos últimos três meses, e o que vou dizer? Que entrei para uma seita e sacrifiquei alguns adolescentes para salvar o mundo? Se formos apanhados, teremos muita coisa para explicar.

Ela colou o esparadrapo.

— A Mary e eu não vamos ficar juntos pra valer.

— Como assim?

— Bem, ela não está aqui, mas você, sim.

Kat pressionou a última ponta do esparadrapo e se recostou para me olhar.

— Achei que vocês estavam separados porque...

Ela parou.

— O quê? O que você ouviu?

Ela franziu o cenho e começou a guardar os produtos no saco de papel.

— O John me disse que vocês estavam apegados demais um ao outro... que não seguiriam o plano se um dos dois corresse perigo.

— Ele disse que foi ideia dele?

— Foi.

— Ele me disse que a Mary pediu para ficarmos separados. Foi o que ela me disse também. — Respirei fundo. — Estou começando a me dar conta do quanto

fui ingênuo o tempo todo.

— Como assim?

— A Mary e eu... fico imaginando se ela só está me usando.

Kat me encarou por alguns segundos e tocou no curativo de novo, apertando as bordas do esparadrapo. Mas desta vez a mão dela parou na lateral do meu rosto.

Eu a encarei de volta.

E ela me beijou. De novo.

Capítulo Onze

A Bagdá Railway tinha 1.600 milhas, três dias de viagem e muitas paradas. Kat e eu usamos esse tempo para dormir e revisar os dossiês acerca da linhagem suméria, para garantir que tivéssemos dominado o plano sem Eugene. O planejamento nos dossiês fora feito por Bakr, que era de Bagdá, e nós já havíamos passado semanas estudando o texto. Ao que parecia, a sede dos sumérios se localizava em um espaço mais público do que a dos minoicos. A família administrava um hotel e um restaurante como fachada para as atividades secretas. Bakr havia hospedado Eugene lá, e nós também ficaríamos em um quarto no hotel sumério. Parecia arriscado estar bem embaixo dos narizes das pessoas que deveríamos atacar, mas também facilitava tudo: poderíamos colocar a bomba praticamente em qualquer lugar. Ou só deixá-la no quarto, se quiséssemos. Em um elevador. Em um armário da limpeza. E ainda havia um pátio central ideal para a tela de termita.

Até pegar a bomba e a termita seria simples: Bakr havia pedido para Lee e Lin enviá-las para a casa do tio dele. Não havia necessidade de senhas ou nomes falsos.

Ou pelo menos foi o que nos disseram.

Assim, não havia muito a fazer no trem.

Tínhamos entregado um convite, e a operação quase nos matou. Mas conseguimos! Completamos a primeira parte da missão — nosso convite foi entregue. Ganhei um corte enorme da cabeça, e Kat precisou matar um homem, mas conseguimos.

Talvez tivéssemos mesmo chance de vencer aquela coisa. De sobreviver e continuar com nossas vidas. Tudo parecia renovado e reenergizado. Assim, quando Kat quis me apresentar ao mundo dos vinhos no luxuoso vagão-restaurante, refleti por um instante sobre minha política em relação ao álcool e na minha obstinação em jamais ser como meu pai e disse “por que não?”. Depois que bebemos duas garrafas e estávamos rindo alto e chamando atenção, decidimos levar a terceira para a cabine. E, quando voltamos para o quarto, com o trem passando por Aleppo, dormimos juntos.

Talvez fosse a empolgação para terminar a missão suméria, de quase termos morrido, de Kat ter feito o curativo em mim ou do vinho.

Estávamos tentando salvar o mundo, por isso eu não tinha mais vontade de me conter.

Nós íamos viver.

*

Quando chegamos a Bagdá, aproveitamos ao máximo. Ainda estávamos vivendo o barato do ataque sumério e, como não precisávamos fazer nenhum tipo de reconhecimento na sede, experimentamos de tudo: a melhor comida, o melhor vinho e a melhor cama do hotel. Kat gastou o dinheiro que tinha. Eu gastei o dinheiro que tinha. E tivemos as melhores férias que alguém poderia querer. Bem, por um dia, pelo menos.

A bomba e a termita foram fáceis de se obter, como Bakr disse que seriam. Fizemos *check-out* do hotel e repassamos o plano dezenas de vezes. Plantei a bomba no meio da rua, diante do prédio, e Kat estendeu a lona. Em seguida, ela acendeu o pavio e eu ativei o cronômetro, bem como havíamos combinado.

Observamos a termita começar a queimar, iluminando a praça na frente do hotel. Recuando, vi janelas se abrindo, alguém jogando as cortinas para o lado e abrindo venezianas ornamentadas.

— Kat — falei. — Olhe.

— Os hóspedes estão indo na direção da lona — constatou ela, com horror na voz.

Como eu não sabia dizer “Afastem-se” em árabe, comecei a movimentar os braços, tentando atrair a atenção das pessoas para que elas se abaixassem e se protegessem. Mas ninguém nos viu.

— Mike — disse ela. — A bomba. Precisamos ir.

Havia luzes se acendendo nas janelas ao redor da praça, e vultos apareceram.

— Vamos lá — insistiu Kat, agarrando minha mão. — A bomba.

Eu a encarei com medo. Nós nos divertimos demais. Não estávamos levando aquilo a sério. Estávamos bancando os amantes enquanto deveríamos ser os terroristas.

— Corra! — berrou ela.

Por fim juntei disposição para me mover, e corremos pela rua para o sul. Todos olhavam pelas janelas, assistindo à cena.

Logo em seguida, um clarão tão forte iluminou a vizinhança como se fosse dia, e eu fui erguido do chão e atirado para o outro lado da rua. Tudo ficou preto.

Capítulo Doze

— Mike...

Eu estava piscando. Sentia a poeira grossa nos olhos e as lágrimas tentando lavá-la. Elas escorriam pelo rosto. Lágrimas... ou sangue?

— Mike?

Alguma coisa tocou meu peito. Fria e molhada.

Então, como se um interruptor tivesse sido acionado, comecei a ouvir tudo — os gritos, as sirenes, o barulho de pedras caindo em cima de pedras.

— Mary? — chamei.

— Mike, sou eu.

— Mary?

— Kat — respondeu ela.

— Eu não consigo enxergar. Kat, não consigo enxergar.

— Coloquei uma toalha sobre seu rosto. Sua cabeça está bem. Foi só um corte profundo acima da sobrancelha. Nada sério. Posso dar uns pontos.

— Estamos a salvo?

— Precisamos sair daqui. Puxei você até um beco.

— Será que eu consigo ficar de pé?

— Espero que sim.

— Estou com dor no peito.

— Talvez você tenha quebrado algumas costelas.

Senti as mãos dela pressionando a lateral do meu corpo e cerrei os dentes de dor. Tentei me levantar. Estava fraco e com dor, mas os pés continuavam firmes.

Senti uma dor intensa perto do esterno e soltei um grito quando ela puxou meu braço por cima do próprio ombro para caminharmos.

— O que aconteceu?

— O que você acha? A bomba explodiu.

— Alguém morreu?

Ela ficou em silêncio por um instante.

— Talvez. Sim. Pelo menos algumas pessoas.

— Deveríamos ter colocado a bomba no hotel. Pelo menos teríamos matado os sumérios.

— E todos os inocentes hospedados nos quartos.

— Estou com dor no peito.

— Talvez você tenha sido atingido por um pedaço de concreto... vários voaram do hotel.

— Você está bem?

— Machucada, mas nada além de alguns arranhões. Eu acho. Que bom que não precisamos plantar mais nenhuma bomba. Você tem a tendência de ficar todo ferrado.

Caminhamos por uns 20 minutos ou mais, mas a dor não diminuiu.

— Tem uma farmácia ali. Estou vendo a placa. Vou deixar você aqui e comprar analgésicos e alguma coisa para o corte.

— Não demore.

— Não vou. Você vai ficar bem.

Ela me colocou no chão de pedra do que devia ser uma estrada de terra. Um beco de terra, provavelmente. Senti um beijo no rosto, e ela partiu.

Tentei levantar o braço direito de novo, mas a sensação era de que os músculos sequer estavam lá. Não se mexeu nem um pouco. Mas doía feito o diabo. Após o que pareceu uma hora, Kat voltou.

— Precisamos sair daqui.

— Aonde podemos ir?

— Escuta. Eu não estou mais usando a *abaya* e o *hijab*. Meu *hijab* está enrolado na sua cabeça. A farmácia se negou a vender para uma moça solteira branca sem as roupas certas. Precisei furtar. O bom é que todos os policiais estão ocupados com a explosão.

— Ótimo.

— Vamos logo embora. Tenho tudo de que precisamos.

— Kat? — chamei, enquanto ela me ajudava a me levantar.

— O quê?

— Desculpe por ter chamado você de Mary.

Ela riu, mas sem muita alegria.

— Velhos hábitos.

Caminhamos por muito tempo e então fizemos *check-in* em outro hotel. Tive a sensação de que Kat o escolheu porque ele não parecia muito exigente com a clientela.

No banheiro, ela desenrolou o *hijab* do meu rosto. O sangramento tinha parado, e as lágrimas haviam limpado a poeira dos olhos. Ela limpou a ferida — tirei o cinto de couro e o mordi enquanto ela limpava o talho na testa com uma escova de dentes. Quando o corte estava limpo, ela o costurou com uma agulha esterilizada na chama de uma vela.

Tomei uma ducha, e o box ficou marrom com toda a poeira que me cobria —

os cabelos, o rosto e os braços. Depois que eu fiquei limpo e seco — e que ela também havia tomado uma ducha —, Kat fez um curativo na minha cabeça com gaze e esparadrapo.

Dividimos o dinheiro que havia sobrado, e não era muito. Umas centenas de dólares.

Como tínhamos armas esperando por nós em Munique, jogamos fora as pistolas que estavam conosco — atirando-as na lixeira do hotel. A princípio, havíamos planejado nos separar a caminho de Munique, mas paramos de nos preocupar. Embarcamos em um avião a caminho de Munique, com uma breve escala em Belgrado.

E se realmente sobrevivêssemos? Ocorreu-me, então, que também teríamos que conviver com o que fizemos.

Todos no avião estavam falando dos Jogos Olímpicos. Pelo que foi dito — do que eu entendi —, a União Soviética e a Alemanha Oriental estavam levando muita vantagem. O casal do outro lado do corredor estava falando da ginástica, pois a URSS e a Alemanha Oriental tinham ido muito bem nos exercícios de solo, no salto sobre mesa, nas barras assimétricas e na trave.

Havíamos feito nossa parte. Entregamos os convites. Em Munique ia ser uma confusão, mas tivemos sucesso até ali; levamos uma surra, mas não nos metemos em problemas sérios. E estávamos a caminho do coração do Endgame. Veríamos quem apareceria para o Chamado e tentaríamos fazê-los entender. Antes parecia impossível, mas tínhamos essa percepção dos convites também — e realizamos a tarefa sem o terceiro integrante da equipe.

Apertei a mão de Kat e me recostei o assento.

Não havíamos feito quaisquer planos quanto a eventualidades relacionadas à segurança das Olimpíadas. Jim e Julia foram aos jogos da Cidade do México, em 1968, e disseram que a segurança era quase nula, ainda mais nas praças — como a praça com o símbolo do sol, onde nos reuniríamos com os Jogadores, se não os detivéssemos antes, nos hotéis. Na Cidade do México houve uma manifestação de estudantes que se transformou em um massacre 10 dias antes dos jogos — o que me lembrou dos protestos no Parque do Povo, em Berkeley, onde ativistas morreram, além daquele em que eu bati no policial.

Olhei para Kat. Imaginei nós dois partindo para alguma aventura nova e agradável em vez de estar a caminho de Munique e talvez acabar matando pessoas. Aquelas Olimpíadas foram chamadas de “Os Jogos Felizes”, e desejei que estivéssemos indo para lá por outro motivo.

Sentia falta de Mary. E, por mais de uma vez no avião, desejei que a mão de Kat, que eu estava segurando, fosse a de Mary.

Eu me detestei por isso.

*

Estava tudo planejado. Agatha, a ex-Jogadora la Tène excomungada, nos encontraria na espiral do sol, onde todos bancaríamos os turistas. Ela enfatizou que todos os Jogadores passariam pela espiral quando chegassem à cidade, apenas para avaliar o lugar, fazer planos sobre onde e quando apareceriam no dia 5 de setembro. De lá, Agatha os identificaria, e os seguiríamos até os hotéis — exatamente como praticamos em Reno.

Olhei de um lado a outro no avião e me perguntei se o Jogador de Bagdá estaria ali. Havia dois caras que pareciam ter a mesma idade, mas nenhum parecia um assassino treinado.

Mas talvez fosse parte do disfarce.

Dormi de Belgrado até Munique. Foi um voo mais curto, pouco mais de duas horas, e acordei quando o avião estava descendo e o comandante fazia um anúncio.

A aeronave estava lotada, sem nenhum lugar vazio. Todos estavam indo para as Olimpíadas. Uma mulher sentada ao meu lado parecia ansiosa para falar, já que eu estava acordado. Ela usava uma camiseta com a estampa da bandeira grega.

— Sabe, as Olimpíadas são gregas — disse ela, com um bom sotaque britânico. — Nós é que começamos tudo.

— Ouvi falar.

— Você é americano?

— Sou, e você?

— Não, não, não. Grega.

— Eu perdi a cobertura olímpica até agora. Como a Grécia está se saindo?

Ela riu e tirou uma garrafa de água mineral da bolsa.

— Não muito bem. Não como os Estados Unidos. Não como os soviéticos. Ainda sem medalhas. Mas vamos vencer a luta greco-romana. Leva nosso nome... nós precisamos vencer!

Ela riu sozinha e continuou:

— Os americanos estão se saindo bem, mas este não é o ano deles. Sempre fico espantada com a... qual é a palavra? *Tenacidade*? É isso mesmo? A tenacidade dos soviéticos. E os alemães orientais sempre surpreendem. São um país tão pequeno, mas se saem muito bem. Claro, têm ajuda dos soviéticos.

— Você está viajando sozinha? — perguntei, mais por educação.

Eu deveria estar atento a pistas ou mesmo Jogadores.

— Viajando, sim, mas vou encontrar uns amigos.

— Nós também.

— Vão encontrar outros americanos?

— Na maioria, sim — disse Kat.

— Tentem manter a cabeça erguida. Os soviéticos já têm dez medalhas de ouro a mais do que os americanos.

— Ainda temos mais de uma semana — comentei.

Ela deu uma risada.

— Estão vendo? É disso que estou falando. Mantenham a cabeça erguida. É o que aprendemos na Grécia. Nenhuma medalha nas Olimpíadas de inverno, só uma de bronze nos jogos de verão da última vez, na Cidade do México. Um lutador greco-romano. É no que somos bons.

Olhei para o relógio. Passava um pouco do meio-dia de 2 de setembro.

— Esta é sua bagagem? — perguntou ela, apontando para a mochila entre meus pés.

— É. E despachamos duas malas.

— Vocês vão esperar um bom tempo. É por isso que não trago muita coisa. Os alemães conferem todas as malas quando entramos no país deles, e ouvi dizer que estão tendo cuidados adicionais este ano. Terroristas.

— Terroristas?

— Não viu as notícias?

— Nada atual. Comprei um jornal ontem, mas era de uns dias antes.

— Ataques terroristas em todo o mundo, com diferença de poucos dias. Estados Unidos, Iraque, China, Índia.

Ela enfiou a mão no bolso do casaco e pegou um ingresso das Olimpíadas para ver as lutas que aconteceriam naquela semana.

— Estão vendo esse logo? Apareceu em todos os ataques. Houve um até na Turquia.

— Talvez alguém esteja se gabando... dizendo a esses países que perderão nos jogos. Provocando.

— Talvez — disse ela, guardando o ingresso. — Mas mataram pessoas.

Senti o estômago revirar. Tentamos ao máximo evitar matar civis, mas às vezes não era possível.

— Então, a segurança alemã está mais rígida?

— Sim, muito. Eles sempre conferem as bagagens, mas agora estão procurando por bombas.

Olhei para minha mochila e para Kat, feliz por termos deixado as armas para trás.

Fiquei preocupado com o fato de a mulher não ter mencionado uma bomba na Etiópia, no Japão nem na Mongólia. Se tivéssemos perdido alguém,

precisaríamos ir até as sedes e encontrar uma forma diferente de detê-los.

O avião tocou na pista e diminuiu a velocidade.

— Prazer em conhecê-los — disse ela.

— Sim — respondi. — Igualmente.

Fechei os olhos, e revi mentalmente as imagens das bombas repetidas vezes, sem parar — vendo o homem no prédio comercial cair após ser atingido pela bala de Kat. Ele teria morrido na explosão, de toda forma. Diabo, talvez outras pessoas também tenham morrido. Mas percebi que com certeza havia participado da morte de duas pessoas. Não me sentia como um assassino, mas era o que eu era, e me perturbava o quanto fora fácil — e o fato de eu quase não ter me sentido mal pela segunda. Aquela primeira — o xerife — me atingiu forte. Tive ataques de pânico, pesadelos e sonhos que me fizeram acordar no meio da noite por meses, mas a segunda morte foi mais fácil. Mal lembrava os detalhes.

Capítulo Treze

Meu esquadrão foi o segundo a chegar. Estávamos alugando uma casa a cerca de uma milha da praça olímpica — a com a espiral de sol, onde todos iríamos começar a trabalhar com os Jogadores. Pegamos um táxi até a casa, deixamos as malas e seguimos para a praça.

Agatha e John estavam sentados em um banco de concreto. Agatha era jovem, tinha apenas 22 anos. Mas, em vez de exhibir o vigor da juventude, tinha a postura e a atitude de alguém que passou a maior parte da vida treinando para matar outros como ela. Parecia desgastada, mental e fisicamente, e, vendo-a sentada ao lado de John, vi a mesma expressão no rosto dele. Os dois estavam cansados de ser quem eram. Queriam que tudo aquilo acabasse.

John se levantou para nos abraçar quando nos aproximamos.

— Contem tudo — pediu ele, apontando para minha cabeça. — Sei que o Eugene foi pego. Vocês enviaram os convites?

— Enviamos — respondeu Kat. — Mas pode ser que tenhamos matado o Jogador de Bagdá.

— Soube disso pelo jornal. Vocês estão bem?

— Fui atingido na cabeça duas vezes e talvez tenha quebrado umas costelas — contei. — Foi bom a Kat ser enfermeira.

— Bem... — disse John. — A Agatha e eu estamos de olho nos Jogadores. Vocês estão dispostos a seguir um deles?

— Claro — respondi, me sentando ao lado dele.

Kat ficou ao meu lado.

Agatha conhecia os Jogadores de vista — todas as linhagens espionavam umas às outras, e ela tinha um livro com fotografias e descrições físicas. Nós o folheamos, tentando nos familiarizar com os rostos.

— Ali — disse Agatha. — Aquela menina usando uma *abaya* preta e um véu. Ghaniyah. Suméria.

John apontou para o outro lado da praça onde o esquadrão dois — Larry, Lee e Lin — estava sentado em um relevo no gramado. Os três se levantaram e confirmaram a John que a viram.

Todos se espalharam sem levantar suspeitas, Larry indo para a frente, para assumir como o guia, Lin se aproximando de Ghaniyah por trás e Lee na posição

mais distante. Ela atravessou a rua confiante, não parecendo perceber que era seguida.

— Não parece uma assassina — comentei com Kat.

— Nós também não — respondeu ela.

— Não fiquem complacentes — alertou Agatha. — Essas pessoas treinaram a vida inteira para serem Jogadores. Eles sabem matar e torturar. Sabem seguir outras pessoas e, a menos que nos dediquemos ao máximo, notarão que estão sendo seguidos.

— Não tenham medo de estragar o plano — disse John. — Se acharem que foram vistos, vocês devem matar se precisarem, ou abortem a missão. Não os deixem atacá-los.

Nós fizemos que sim com a cabeça, embora tenhamos ouvido tudo aquilo cem vezes tanto de Walter quanto de John. Sabíamos o que estávamos fazendo — ou, pelo menos, o que *deveríamos* fazer. Não tínhamos experiência em seguir um Jogador de verdade. Mas teria de bastar. O tempo para nos prepararmos tinha acabado, e era hora de agir. Um telefone público tocou em uma cabine perto de nós, e John saltou para atender.

Não ouvi a ligação, mas foi curta.

— Era o Douglas — informou John. — Ele está a salvo no esconderijo. A Phyllis, o Henry e a Molly acabaram de chegar da Índia. Disseram que a Phyllis está ferida, mas vieram no mesmo avião que o Jogador deles. O Henry foi segui-lo. A Molly vai ficar com a Phyllis.

— Ouvi dizer que o Pravheet é muito bom — falou Agatha. — Espero que o cara que está atrás dele seja um dos melhores.

— O nome dele é Pravheet? — perguntou Kat. — O indiano?

— O harappaneano — respondeu Agatha, assentindo com a cabeça.

— O Henry tem seus altos e baixos — disse John. — Mas sabe seguir alguém. Pelo menos se saiu bem no treinamento.

Agatha balançou a cabeça.

— Não basta se sair bem. Ele precisa ser bom.

Esperamos ali por mais uma hora, todos em silêncio. Era para aquilo que treinamos. Tudo ali — esperar pelos Jogadores, segui-los até os hotéis. Aquilo era real. Era ali onde as pessoas iriam se machucar. Nós ou eles. Provavelmente ambos. Eu esperava que fosse assim, porque não imaginava que sairíamos ilesos — precisávamos trazê-los para nosso lado ou eliminá-los. Nós éramos mais numerosos e precisaríamos de todos à disposição.

— Por que você não fica aqui e ajuda, Agatha? — perguntei, ficando louco com a espera.

— Vou dizer a você o que disse ao John e ao Walter: saí desse negócio. Já deu

para mim. Encerrei com a linhagem la Tène. Estou ajudando vocês porque o mundo precisa de menos Jogadores. Precisamos enfrentar os Criadores e dizer que não fazemos parte do jogo deles. Mas meu método de fazer isso é me afastar.

Eu estava prestes a falar quando Agatha me interrompeu.

— Lá está ela — disse. — Raakel. A minoica. Maravilhosa.

Raakel era de fato maravilhosa. Vestia uma calça jeans justa e uma camiseta larga. Os cabelos escuros estavam presos em um coque no topo da cabeça, e ela literalmente dançava pelo sol de concreto, com a mochila pequena balançando na mão antes que a levantasse e colocasse nas costas.

— Ela está animada — observou John.

— Ela é um daqueles — comentou Agatha, com um tom de cansaço. — Dos que estão loucos para Jogar. Empolgados para ser o grande vencedor. Pelo que me disseram, ela é convencida, mas letal. Gosta de uma briga. Tem sede de sangue. Ou como preferir chamar.

— Bem — disse John. — Mike, Kat, vão atrás dela. Levem a Barbara com vocês.

Ele fez um sinal com a cabeça para a faixa de grama onde Barbara estava sentada. Ela fez que sim e se levantou.

Eu estava na frente; Barbara, atrás; e depois Kat.

Naquela manhã fui a uma loja de roupas e comprei tudo o que estava exposto em um manequim, da camisa aos sapatos. Queria usar algo autenticamente alemão. Não era uma bermuda de couro típica ou coisa parecida, mas um visual um pouco diferente do americano. Fui sem demora até o outro lado da rua principal. Não tentei correr para chegar na frente dela, já que estava se movimentando rápido.

Caminhei paralelamente a ela, bem do outro lado da rua.

Nós a seguimos por cinco quadras quando de repente ela deu meia-volta e seguiu no sentido contrário. Eu precisava me afastar. Se fora visto pela visão periférica, ela me perceberia se eu desse meia-volta e fizesse a mesma coisa. Parei no sinal de trânsito e fingi pegar o outro caminho, mas isso me deu uma oportunidade de parar e observar.

Barbara permaneceu na mesma direção, cruzando com Raakel. Kat era a única de nós que poderia continuar atrás dela — havia se tornado a líder.

Barbara se virou e correu pela rua lateral, enquanto eu entrei em um beco e desabotoei sem delicadeza a camisa. Por baixo, usava uma camiseta amarela.

Voltei à rua e procurei por Raakel. Não a vi em lugar algum, mas disse a mim mesmo para não entrar em pânico. Só estava ali para assistir às Olimpíadas e fazer compras. Não deveria correr.

Enquanto refazia o caminho, vi de relance Kat seguindo para o norte — a mesma direção em que Barbara havia ido. Virei na próxima oportunidade que encontrei. Caminhei por uma quadra, em meio a muitos turistas. E, por um breve instante, vi Barbara virar em uma esquina e desaparecer atrás de um prédio.

Eu a segui o mais depressa possível, mas, quando contornei a mesma esquina, Barbara estava ajoelhada, amarrando os sapatos. Passei por ela, tentando não dar a impressão de que estávamos juntos.

— Mike — disse ela.

Congelei. Não era assim que deveríamos seguir alguém. Não deveríamos conversar.

— Ela entrou naquele hotel à esquerda, o Hilton.

— Devemos esperar por ela? Ver se ela consegue um quarto? Muitos hotéis estão lotados por causa das Olimpíadas.

— A Kat entrou — disse ela, levantando-se e vindo para meu lado.

Sentamos no banco de um ponto de ônibus e ficamos esperando. O ônibus chegou, e acenamos para que passasse.

— Não tenho tanto medo de nos verem — disse Barbara. — Os Jogadores, quer dizer. Eles não fazem ideia de quem somos. Por que ela se importaria conosco? Não acho que qualquer coisa ruim possa acontecer se a Raakel nos vir.

— De qualquer maneira, nós não sabemos de fato o que estamos fazendo.

— Apesar de todo o treinamento que recebemos, todas as semanas atirando, lutando e seguindo pessoas, ainda somos apenas gente comum. Sou assistente de relações públicas. Você é estudante.

— Nem isso.

Kat saiu do hotel após alguns minutos, nos viu, sorriu e pegou um caminho diferente. Barbara e eu nos levantamos e voltamos para o local onde estava John. Quando chegamos, Kat informou o número do quarto em que Raakel havia se hospedado.

Ao longo daquele dia, vimos todos os Jogadores chegarem, exceto pelo axumita, e todos os esquadrões voltaram, exceto pelo cinco — formado por Rodney, Jim e Julia, que foram atrás do axumita. Levou dois dias, mas Douglas arranjou credenciais de imprensa falsas para termos acesso à equipe olímpica etíope. Eles haviam acabado de ganhar a medalha de bronze nos 10.000 metros, e Douglas descolou uma oportunidade de entrevistar o representante governamental da delegação. Ele não sabia de nenhum atentado com bomba em Addis Abeba. Tivemos que supor que Rodney, Jim e Julia não voltariam.

Mary chegou sozinha. Ela me contou que em meio aos preparativos Bruce pegara algum tipo de vírus. Ele estava em um hospital em Veracruz sem condições de pegar um voo, muito menos de levantar e ajudar com a bomba.

Mary colocou a termita no grande gramado dos olmecas e ateou fogo nele. Também precisou explodir a bomba sozinha.

Fiquei tão feliz por vê-la que a beijei e abracei antes mesmo de entender o que estava fazendo... Mas então me lembrei de Kat e do que havia acontecido entre nós depois de Istambul.

O que eu estava fazendo?

Capítulo Quatorze

Na manhã do dia cinco de setembro, todos nos levantamos às quatro da manhã. Voltamos a nos dividir em esquadrões. Kat parecia brava. Eu não podia culpá-la. Dividi uma cama com Mary no esconderijo. Não fizemos nada, mas ainda assim foi errado.

Eu não sabia o que fazer. Mas aquele não era o momento.

Kat e eu fomos designados para encontrar com Raakel no começo da manhã. Precisávamos conversar com ela. Nossa esperança era de que ela fosse receptiva à mensagem em vez de simplesmente nos matar na hora.

Entramos no hotel com as pistolas escondidas embaixo das camisetas e das jaquetas. Tínhamos um walkie-talkie com fone de ouvido para usarmos sem que o restante do hotel escutasse.

Recebemos um alerta de Agatha de que precisávamos ser de uma precisão ímpar — os Jogadores se dispersariam diante do menor sinal de armadilha. Nenhum deles sabia o que esperar. Nenhum Jogador vivo jamais havia respondido a um Chamado, e ela disse que não começariam a matar uns aos outros de imediato. Todos esperariam um sinal. Mas uma rajada de balas não era um sinal. Eles se dispersariam: deduziriam que uma das linhagens quebrara as regras ao tentar matar todo mundo antes que os Jogadores comessem a Jogar. Agatha disse que os Jogadores eram extremamente rápidos, perigosos e brutais.

No Hilton, segui Kat pelo piso de mármore do saguão. Havia uma escada com uma indicação dizendo NUR AUTORISIERTES PERSONAL — Kat me disse que significava “apenas funcionários autorizados”. Subimos até o quarto andar, e ela me guiou pelo corredor. Esperamos perto do quarto de Raakel pela hora de entrar.

— Não gosto de ficar tão exposta — sussurrou Kat.

— Tenho certeza de que vai levar apenas um minuto.

— Espero que tenha razão.

— Aonde você vai depois que tudo isso tiver terminado? — perguntei, para aliviar a tensão. — Suíça? França?

— Quero ir para casa — respondeu ela, se ajoelhando e repousando a Winchester nas pernas. — Se eu sair dessa viva, é para onde vou.

— De volta ao trabalho? Vai ter muita explicação para dar.

— Sei mentir muito bem agora — disse, com um tom triste e derrotado na voz. — Vai dar tudo certo.

— Sobre a Mary... — falei.

Kat olhou feio para mim.

— O que eu devo...

Ela me interrompeu.

— Você é um rapaz crescido, Mike. É capaz de descobrir sozinho.

— Não, eu preciso dizer. Acabou. Não sei por que dormi com ela ontem à noite. Não há nada real naquilo. Nunca houve. Mas você e eu... o que temos é especial. Vou voltar com você para seu trabalho. Ou podemos ir para outro lugar... qualquer lugar. Estou falando sério.

Kat franziu a testa.

— Você é jovem.

— O que são cinco anos?

— Não foi o que eu quis dizer.

Walter falou no walkie-talkie. Deixei o volume bem baixo, mesmo com o som saindo pelo fone de ouvido.

— Está acontecendo alguma coisa. Estamos notando mais policiais agora do que quando fizemos o reconhecimento, ontem de manhã. Câmbio.

— Eles estão atrás de nós? Câmbio — falei.

— Já falo com vocês — respondeu Walter. — Vou tentar interceptar um canal da polícia. Kat, vou precisar que traduza. Câmbio.

Olhei para Kat.

— Fiz cinco anos de alemão, mas não estudo desde o colégio. Estou bem enferrujada.

— Você vai conseguir.

Kat pegou o walkie-talkie.

— Aqui é a Kat. Vou tentar ajudar. Câmbio.

— O Walter disse para colocar no canal dezesseis. Há muita estática, mas tem alguma coisa acontecendo — contei a ela.

Desconectei o fone de ouvido para nós dois escutarmos. O que se seguiu foram cinco minutos de conversa em alemão. Fiquei esperando Kat traduzir o que estava sendo dito, mas ela só sacudia a cabeça. Era tudo muito rápido, com várias pessoas falando, provavelmente usando jargões.

Ela voltou para o canal 23, o nosso.

— Houve um tiroteio na Vila Olímpica. Perdi muita coisa. Tem alguma coisa a ver com membros da equipe israelense e... reféns? Não tenho certeza. Estão usando uma palavra que deve querer dizer “terrorismo”. *Terrorismus*. E estão chamando todo mundo. Mas não sei muito bem. Não tenho vocabulário

suficiente.

Olhei pela janela do corredor para a rua. Não havia movimento na entrada do hotel.

— Continue ouvindo, Kat — pediu Walter. — Câmbio.

Ela ligou o rádio de novo.

— Estão atirando nos apartamentos olímpicos — contou ela, após um instante. — Voltando. Câmbio.

Houve mais conversa no canal da polícia, e começamos a ouvir sirenes, primeiro a leste, mas logo vindo de todas as direções, correndo na direção da Vila.

Kat me olhou horrorizada enquanto trocava de canal mais uma vez.

— É um grupo chamado Setembro Negro. Estão armados e assassinando os israelenses em suas camas. Um cara fugiu. Disse que os terroristas mataram pelo menos duas pessoas, ambos treinadores. Alguém saltou pela janela e alertou as autoridades.

Havia policiais por toda a parte, passando o pente fino na praça.

Peguei o walkie-talkie.

— Walter, aqui é Mike. Devemos seguir adiante com o plano? Câmbio.

— O número de policiais na praça tem aumentado cada vez mais — falou Molly, pelo rádio.

Ela estava de olho na praça da espiral de sol.

— E estão agitados. Se ficarmos aqui e os Jogadores vierem, será uma missão suicida. Vai ser um tiroteio com polícia, e não temos uma rota de fuga além do caminho de onde viemos. Câmbio.

— Certo — disse Walter. — Todas as equipes, afastem-se. Executem o plano Bravo. Câmbio.

Plano Bravo. O plano B. Não iríamos só armar tocaia para Raakel. Bateríamos na porta dela. Seríamos nós contra ela e precisávamos convencê-la de que estava errada sobre tudo pelo que trabalhou a vida inteira. E, se ela não concordasse, deveríamos matá-la.

— Está na hora — falei a Kat.

Conferimos as armas, para verificar se estavam carregadas, soltamos as travas e seguimos pelo corredor. Ou convenceríamos a Jogadora minoica ou teríamos que matá-la. Era isso. Paramos no quarto 412.

— Pronto? — disse Kat, apenas movimentando os lábios, sem emitir som algum.

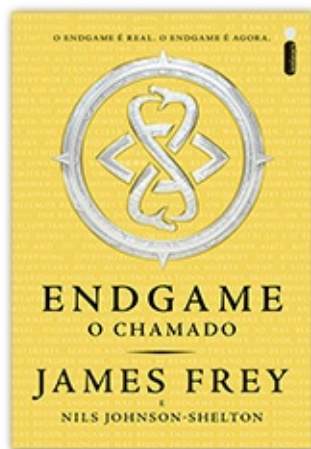
Fiz que sim com a cabeça.

Bati na porta.

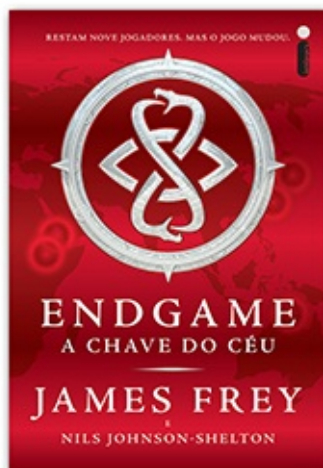
SOBRE O AUTOR

JAMES FREY é o fundador da Full Fathom Five, empresa responsável pela criação da bem-sucedida série *Os Legados de Lorien*, também publicada pela Intrínseca, que deu origem à adaptação cinematográfica *Eu Sou o Número Quatro*, produzida por Steven Spielberg e Michael Bay. James Frey mora em Nova York com a esposa, a filha e o cachorro.

CONHEÇA OS TÍTULOS ANTERIORES DA SÉRIE



[*Endgame: O Chamado*](#)
[James Frey & Nils Johnson-Shelton](#)



[*Endgame: A Chave do Céu*](#)
[James Frey & Nils Johnson-Shelton](#)

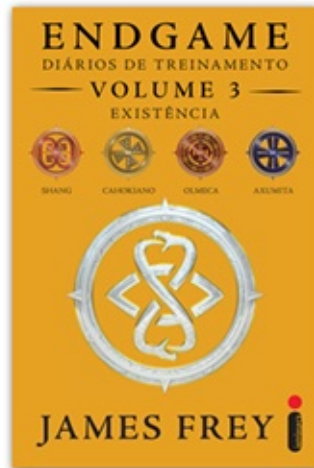
Exclusivamente em e-book:



[*Diários de treinamento: Origens*](#)
[James Frey](#)



[*Diários de treinamento: Descendência*](#)
[James Frey](#)



[*Diários de treinamento: Existência*](#)
[James Frey](#)



[*Linhagem Zero: Despertar*](#)
[James Frey](#)

LEIA TAMBÉM



[*Eu sou o Número Quatro*](#)
[Pittacus Lore](#)



[*O poder dos seis*](#)
[Pittacus Lore](#)



[*A ascensão dos nove*](#)
[Pittacus Lore](#)



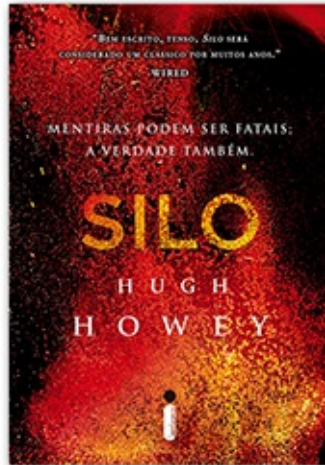
[*A queda dos cinco*](#)
[Pittacus Lore](#)



[*A vingança dos sete*](#)
[Pittacus Lore](#)



[*O destino da Número Dez*](#)
[Pittacus Lore](#)



[*Silo*](#)
[Hugh Howey](#)



[*Ordem*](#)
[Hugh Howey](#)